



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO DE TURISMO**

LUZIA ARAÚJO NUNES

**UTILIZAÇÃO DE ANIMAIS NA ATIVIDADE TURÍSTICA E SUAS
CONSEQUÊNCIAS**

ARAGUAÍNA - TO
2019

LUZIA ARAÚJO NUNES

UTILIZAÇÃO DE ANIMAIS NA ATIVIDADE TURÍSTICA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade artigo, apresentado à UFT - Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Universitário de Araguaína para a obtenção do título de Tecnóloga em Gestão de Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Mendes de Cordova.

ARAGUAÍNA - TO
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

Nunes, Luzia Araújo.

Utilização de animais na atividade turística e suas consequências. /
Luzia Araújo Nunes. - Araguaína, TO, 2019.

58 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins - Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo,
2019.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Mendes de Cordova.

1. Turismo. 2. Lazer. 3. Animais. 4. Tocantins. 5. Brasil. I. Título

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde
que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica
da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

LUZIA ARAÚJO NUNES

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade artigo, apresentado à UFT - Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Universitário de Araguaína para a obtenção do título de Tecnóloga em Gestão de Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Mendes de Cordova

Aprovado em: __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabiano Mendes de Cordova, Orientador, UFT

Prof. Dra. Elizabeth Sydow, Examinadora, UFT

Prof. Msc. Simone Fortes, Examinadora, UFT

AGRADECIMENTOS

Gratidão ao Divino Criador e a todos que colaboraram com este trabalho.

“O que sabemos é uma gota; o que ignoramos é um oceano...”

Isaac Newton

Utilização de animais na atividade turística e suas consequências

Luzia Araújo Nunes¹
Fabiano Mendes de Cordova²

Resumo

A busca por atividades de lazer que incluam contato direto com os animais vem ganhando destaque cada vez maior no setor de Turismo. Este trabalho objetivou avaliar a utilização de animais na atividade turística e suas consequências, exemplificando atividades que se utilizam da interação com animais, tanto no Tocantins, como no Brasil, e no mundo. A pesquisa metodológica utilizada foi a revisão de literatura com abordagem qualitativa das informações, para o aprofundamento no universo do tema. Os resultados mostram que o Turismo Animal, se mal estruturado, tem grande impacto negativo sobre o bem-estar desses seres. A maioria das pessoas desconhece que grande parte dos animais usados como atrativos estão sujeitos à dor, estresse, medo, ansiedade e tédio. Muitos vivem longos anos de exploração. Assim, conclui-se que é necessário pensar um modelo de turismo mais responsável, que garanta a saúde e promova as necessidades ambientais, comportamentais e nutritivas dos animais. Através do envolvimento e conscientização, tanto do *trade*, quanto dos turistas, é possível evitar os abusos cometidos ao animal. Só assim, a experiência será realmente inesquecível e emocionante.

Palavras-chave: Turismo. Lazer. Animais. Tocantins. Brasil.

Abstract

The search for leisure activities that include direct contact with animals has been gaining increasing prominence in the Tourism sector. This work aimed to evaluate the use of animals in the tourist activity and its consequences, exemplifying activities that use the interaction with animals, both in Tocantins, in Brazil, and in the world. The methodological research used was the literature review with qualitative information approach, to deepen the universe of the theme. The results show that Animal Tourism, if poorly structured, has a great negative impact on the welfare of these beings. Most people are unaware that most animals used as attractions are subject to pain, stress, fear, anxiety, and boredom. Many live long years of exploration. Thus, it is concluded that it is necessary to think of a more responsible tourism model that guarantees health and promotes the environmental, behavioral and nutritional needs of the animals. Through the involvement and awareness of both the trade and the tourists, it is possible to avoid abuses committed to the animal. Just so, the experience will truly be unforgettable and exciting.

Keywords: Tourism. Recreation. Animals. Tocantins. Brazil.

¹ Acadêmica do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo da Universidade Federal do Tocantins; Médica Veterinária pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: luhmedvet@hotmail.com

² Médico Veterinário pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Doutor em Neurociências pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Adjunto do Curso de Medicina Veterinária da UFT.

1 INTRODUÇÃO

Santos, Chehade e Quini Neto (2010, p. 2) dizem que, se bem mensurado, o turismo pode trazer diversos benefícios, como o desenvolvimento de localidades, aumento do índice de empregos e fluxo de capitais, bem como a preservação de traços, que fazem de um território qualquer, único, enquanto um produto a ser ofertado. Para os autores, um dos principais atrativos para a realização do Turismo é o próprio meio ambiente, que oferece todos os elementos e recursos necessários para a idealização e perpetuação da atividade, pois, é no meio ambiente, que a prática atinge sua potencialidade.

A Organização Mundial do Turismo – OMT/UNWTO, órgão especializado das Nações Unidas, que tem um papel central na promoção e desenvolvimento de um turismo responsável, sustentável e acessível, comenta que atualmente, o crescimento do volume de negócios no turismo anda paralelo ao aumento da diversificação e da competição entre os destinos (OMT/UNWTO, 2018a). Neste contexto, insere-se a busca pelas atividades ecoturísticas que envolvam a interação com animais, que há muito tempo cativam crianças e adultos.

Com a globalização e os avanços tecnológicos, ficou fácil ter acesso a informações de qualquer natureza, sendo possível visitar os destinos, antes mesmo de chegar neles, onde todos os serviços podem ser vistos e avaliados. Portanto, é importante se diferenciar por meio da oferta de vivências exclusivas e memoráveis, conforme explica o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2015, p. 6).

O Brasil é um dos países com maior biodiversidade, apreciado por seus diversos biomas (Amazônia, Mata Atlântica, Campos Sulinos, Caatinga, Cerrado, Pantanal, Zona Costeira e Marítima) e ecossistemas, apresentando um cenário rico, que aporta recursos para o desenvolvimento de várias práticas turísticas, com aptidão especial ao ecoturismo (BRASIL, 2008, p. 13). Segundo o Código de Ética do Turismo (OMT/UNWTO, 1999) todos os agentes de desenvolvimento turístico têm o dever de proteger o meio ambiente e os recursos naturais, para um crescimento econômico estruturado, constante e sustentável, que seja capaz de satisfazer as necessidades e aspirações das gerações presentes e futuras.

Neste cenário, entram os produtos turísticos sustentáveis, que são desenvolvidos em harmonia com o meio ambiente, com as comunidades e culturas

locais, de forma que estas se convertam em permanentes beneficiários, e deixem de ser espectadoras de todo o processo de desenvolvimento. Outro ponto fundamental é a garantia de uma boa experiência, que traga satisfação ao turista, aumentando sua consciência e facilitando seu envolvimento com a sustentabilidade da região ou produto turístico (BRASIL, 2007, p. 25).

Este trabalho objetiva revisar a utilização de animais na atividade turística e suas consequências, citando alguns exemplos de atividades de turismo e lazer, que se utilizam da interação com animais, tanto no Tocantins como no Brasil, e mesmo no mundo. Realizamos uma ampla revisão de literatura baseando-se em livros, artigos e sites, com uma abordagem qualitativa.

A realização desse trabalho é fruto da necessidade de um maior aprofundamento no universo do Turismo associado à utilização de animais e suas consequências. Esperamos contribuir com uma área carente de informações, ou até mesmo negligenciadas, principalmente relacionadas ao estado do Tocantins, que apresenta escassez de estudos relativos ao assunto. Pesquisas direcionadas ao tema são muito importantes como ferramentas para se evitar impactos negativos à vida animal e aos ecossistemas, que podem surgir com a ausência de planejamento e o fluxo desordenado de visitantes, aumentando assim, a consciência ambiental, o desenvolvimento sustentável e a conservação dos recursos naturais.

Inicialmente, apresentamos um contexto sobre turismo, lazer e sustentabilidade e, em sequência, é discutida a utilização de animais como atrativo turístico.

2 TURISMO, LAZER E SUSTENTABILIDADE

2.1 Panorama atual do Turismo

Conforme observa Bezerra (2018) o turismo no Brasil representa 7,2% do Produto Interno Bruto (PIB). Estima-se a geração de dois milhões de empregos nos próximos quatro anos, com perspectivas para o desenvolvimento de sua economia através do turismo. Segundo o Fórum Econômico Mundial, o Brasil ocupa a primeira colocação entre os países com maior potencial natural, e a conceituada revista Condé Nast Traveler, dirigida ao turismo de alto padrão, elegeu o Brasil como o país mais bonito do planeta. Além disso, a rede de televisão CNN (EUA) elegeu o povo

brasileiro como o mais cool do mundo, destacando a hospitalidade e alegria do brasileiro (BEZERRA, 2018).

Segundo a OMT/UNWTO (2018b), em 2017 ocorreu o maior crescimento de turistas internacionais em destinos de todo o mundo, desde 2010, representando 1,326 bilhão de pessoas, um aumento de 7%. Isso representa a entrada de 1,34 bilhão de dólares pelo turismo internacional. Para confirmar a importância do Turismo, a OMT/UNWTO destaca que um em cada 10 empregos são gerados pelo turismo, que também representa 10% do PIB mundial, 7% das exportações mundiais e 30% das exportações em serviços. Também houve o sólido reestabelecimento da demanda nos países emissores emergentes do Brasil e da Federação Russa, depois de alguns anos em declínio.

Todos esses dados mostram a força e a importância que o turismo tem na contribuição para o aumento da riqueza de um local e como pode ser utilizado para alavancar seu crescimento e, principalmente seu desenvolvimento.

2.2 Evolução do Turismo e Lazer no Brasil e no mundo

A busca pela satisfação, motivação e bem-estar tem sido um movimento constante ao longo da história humana. Hoje, comumente percebe-se que, quando em período de férias, as pessoas logo recorrem à atividade turística como alternativa para sair do estresse causado pela rotina diária e pelos cenários cada vez mais competitivos e instáveis que caracterizam o Século XXI (FERNANDES; ALMEIDA, 2018, p. 234).

O Turismo teve suas origens em tempos remotos. Desde a Antiguidade Clássica, era visto como bastante importante para a qualidade de vida da população, sendo para os gregos um componente do seu estilo de vida. No entanto, é durante o Império Romano que o Turismo é desenvolvido, marcado pelo incremento das viagens, numa valorização dos momentos de descanso, sendo criados um significativo número de infraestruturas, desde termas, recintos desportivos, bem como todo um conjunto de atividades, destacando-se os espetáculos e festivais (BEATO, 2008 apud FERREIRA, 2013, p. 16).

Tanto a palavra recreação como o termo lazer são utilizados na língua portuguesa, assim como na língua inglesa, onde se observa o uso de *recreation* e *leisure*, cujos significados influenciaram a maneira como os termos foram

compreendidos no Brasil, em especial na primeira metade do século XX. Na língua francesa, apenas a palavra *loisir* é empregada para designar este campo da vida humana e social, dedicado, entre outras coisas, ao descanso, ao divertimento e ao desenvolvimento social (GOMES, 2008, apud GOMES; PINTO, 2009, p. 39 e 40).

Loisir, leisure e lazer têm origem etimológica no latim *licere*, que significa ser permitido, poder, ter o direito. Essas palavras podem ter significados diferentes de acordo com o contexto, mas, todas mantêm algum tipo de relação com a vivência de atividades culturais, considerando tempo/espaço disponíveis e a atitude assumida pelas pessoas neste tipo de experiência – marcada por um sentimento de liberdade (mesmo que seja apenas imaginada), impulsionada pela busca de satisfação e pelo desfrute do momento vivido (GOMES e PINTO, 2009, p. 40).

“As novas maneiras de entender o lazer estão gerando novos modos de viver [...]. O lazer identificado com o descanso, gerou, a partir de 1950, um turismo de sol e praia que não pretendia muito mais que romper a rotina de trabalho” (CABEZA, 2000, p. 214). O automóvel representava uma nova maneira de se relacionar, uma mudança radical na forma de perceber o tempo e o espaço, onde o acesso massivo ao automóvel e o desenvolvimento dos meios de transporte, possibilitou às pessoas viajarem diariamente nas cidades, e saírem nas férias, conforme observou Cabeza (2000, p. 214).

Os sentidos hoje atribuídos ao lazer no nível do senso comum, são variados: descanso, folga, férias, repouso, desocupação, distração, passatempo, *hobby*, diversão, entretenimento, tempo livre. Algumas pessoas associam o lazer a determinadas práticas culturais, tomando-o sinônimo de esporte, cinema, música, entre outros. E há quem vincule o lazer a ações como dançar, assistir TV e viajar (GOMES; PINTO, 2009, p. 40).

Nos tempos atuais fica evidente a dificuldade em separar o lazer das demais obrigações, onde o indivíduo acaba levando o trabalho para casa devido a cabeça não parar de pensar, principalmente em achar soluções para os problemas de trabalho. Até mesmo a tecnologia acaba sendo invasora do tempo de lazer e acaba por conduzir situações ou problemas de trabalho para o seu tempo livre, seja na folga trabalhista ou até mesmo nas férias. O turismo, por sua vez, é uma atividade complexa, que se expande e manifesta de acordo com os contextos históricos de cada sociedade, que recebem a interferência de aspectos culturais, políticos, econômicos, entre outros. O turismo contemporâneo, ainda que seja considerado

uma atividade recente para a utilização do tempo livre, emerge como principal escolha daqueles que buscam a prática do lazer (DE MASI, 2000 apud FERNANDES; ALMEIDA, 2018, p. 239).

O lazer vem sendo visto nas últimas décadas com outros olhos, tornando-se questão de cidadania e se caracterizando em um direito social na Constituição Federal Brasileira, que relaciona em seu Capítulo II, dos Direitos Sociais, Artigo 6, os direitos do brasileiro a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância e a assistência aos desamparados (BRASIL, 1988). Portanto, todo brasileiro tem direito constitucional ao lazer, que deverá ser desenvolvido e ofertado pelos Poderes Públicos aos indivíduos, ou seja, é dever do Estado a realização deste direito.

2.3 Sustentabilidade na atividade turística

O Ministério do Turismo destaca que a atividade tem características peculiares em relação a outros setores da economia, como o alto poder de irradiação dos seus benefícios, com a atividade turística considerada uma das únicas esperanças para regiões economicamente deprimidas. Faz-se necessário entender que o turismo pode gerar vantagens do ponto de vista econômico, mas pode também implicar em outros possíveis impactos negativos, como degradação ambiental e perda da identidade local (BRASIL, 2007, p. 27).

Importante salientar o que Boff (2006) escreveu sobre as quatro virtudes para uma nova ética da sustentabilidade: além de hospitalidade e comensalidade, a convivência, onde nós não existimos - coexistimos, e não vivemos - convivemos. Para o autor os seres formam uma comunidade cósmica e biótica, onde não existe meio ambiente, mas a comunidade de vida e todos os seres são portadores de informação, história e seu modo próprio de se conectar com os demais, e há que se compreender a todos como concidadãos, onde a democracia não pode ser apenas humana, mas também sociocósmica. Ainda, Boff (2006) finaliza com a quarta virtude, o respeito a todos os seres, pois cada ser tem valor intrínseco, seu lugar no conjunto dos seres, no interior de seus ecossistemas e revela dimensões singulares do Ser, pois a maioria dos seres é muito mais ancestral que o ser humano, merecendo veneração e respeito.

Por sustentabilidade o Ministério do Turismo comenta que:

Sustentabilidade tem a ver com sustentável, durável. É aquilo que se sustenta por muito tempo. A partir da década de 1960, um novo conceito de desenvolvimento começou a se consolidar, verificando-se desde então uma maior preocupação da comunidade internacional com os limites do desenvolvimento econômico do planeta. Esse desenvolvimento está diretamente relacionado ao modelo de consumo vigente, aos efeitos negativos da acumulação e do desperdício, e aos riscos da degradação do meio ambiente (BRASIL, 2007, p. 16).

“Os atrativos turísticos constituem a oferta turística diferencial de uma região, pois são responsáveis por promover os fluxos turísticos. O consumidor escolhe o destino, em função da experiência turística que o destino oferece” (SEBRAE, p. 10, 2014). Dentro dessa ótica, muitos turistas têm buscado lugares exóticos e experiências diferentes para vivenciarem, como entrar em contato com animais nas mais diferentes situações, seja nadar com botos, acariciar leões, pescar e soltar peixes ou observar a vida noturna dos animais.

A Proteção Animal Mundial (*World Animal Protection*) organização internacional que realiza um trabalho de proteção da vida animal e conscientização para um turismo amigo dos animais, traz números assustadores quanto ao turismo com animais silvestres. A organização cita que quase um quarto da indústria turística é movido pela demanda do turismo de vida silvestre e, que a maioria das pessoas desconhece o abuso e a crueldade que os animais usados em atrações turísticas sofrem (PROTEÇÃO ANIMAL MUNDIAL, 2016, p. 2).

Importante ressaltar que o Código de Ética do Turismo (OMT/UNWTO, 1999) recomenda que a infraestrutura e as atividades turísticas sejam planejadas de modo a proteger o patrimônio natural, que constituem os ecossistemas e a diversidade biológica, além de preservar as espécies da fauna e da flora silvestre em perigo. Os agentes do desenvolvimento turístico, e em particular os profissionais do setor, devem admitir que se imponham limites a suas atividades quando exercidas em espaços particularmente vulneráveis.

3 A UTILIZAÇÃO DE ANIMAIS NA ATIVIDADE TURÍSTICA

A utilização de animais na atividade turística é muito diversificada e difundida mundialmente. As formas de utilização de animais variam de atividades desportivas,

como a pesca e a caça, atividades para divulgação da cultura e tradições locais, como as cavalgadas e cavalhadas, e atividades de fomento à conservação animal, como os parques zoológicos.

O debate sobre o desenvolvimento sustentável tem ganhado força, devido à falta de equilíbrio existente entre o desenvolvimento econômico e a preservação do meio ambiente. O turismo é uma das áreas econômicas que mais provoca impacto nos recursos naturais, mas o Código de Ética do Turismo define algumas vertentes que empreendimentos do setor devem seguir, como proteger a infraestrutura natural e salvaguardar a cultura local. Ainda assim, existem estabelecimentos que vão contra essas regras, como aqueles que utilizam animais como forma de entretenimento. Com a evolução da tecnologia da informação e o aumento do número dos meios de comunicação de massa, consumidores passaram a ter acesso rápido e fácil a informações sobre as práticas adotadas por tais estabelecimentos, e sobre o impacto dessas práticas no bem-estar dos animais (CHEHIN, 2015, p. 7).

O turismo animal ou de vida selvagem, vem sendo alavancado com as redes sociais, que põem os encontros com animais exóticos no topo de listas do tipo “100 coisas a fazer antes de morrer”. Pelo celular, viajantes e influenciadores digitais compartilham suas *selfies* (fotos em redes sociais) em atividades, antes divulgadas, apenas em guias de viagem, tornando-se propagandas virais. Mas toda a visibilidade das redes sociais não mostra o que acontece fora do alcance das lentes das câmeras, e as pessoas que se empolgam por estar próximas de animais selvagens, geralmente não sabem o que muitos deles passam na vida (DALY, 2019).

A maioria das pessoas desconhece o abuso e a crueldade que os animais usados em atrações turísticas sofrem. Uma pesquisa realizada pela Unidade de Pesquisa e Conservação da Vida Silvestre da Universidade de Oxford (WildCRU), comissionada pela Proteção Animal Mundial, revelou o sofrimento global causado a 550.000 animais silvestres devido a atrações turísticas irresponsáveis. As atrações foram avaliadas por especialistas em vida silvestre e comparadas com mais de 50.000 avaliações no *TripAdvisor* (site de avaliação feita por turistas) revelando que 80% das pessoas fizeram críticas positivas a atrações que, na verdade, tratam os animais silvestres com crueldade. Isto não significa que os turistas não se importem com os animais, pois sabe-se que quando as pessoas tomam consciência da

crudelidade por detrás destas atividades, a maioria decide não ir mais (PROTEÇÃO ANIMAL MUNDIAL, 2016, p.2).

3.1 O uso de animais como atrativo turístico no Tocantins

3.1.1 Pesca recreativa

O SEBRAE (2015, p. 6) comenta que segundo a Organização Mundial do Turismo, o turista do novo milênio, deseja viajar para destinos onde mais do que visitar e contemplar, fosse possível também sentir, viver, emocionar-se e ser personagem de sua própria viagem. É disso que trata o turismo de experiência, uma forma de se diferenciar pelo envolvimento do turista a partir de experiências significativas, de forma a atraí-lo e fidelizá-lo.

Brasil (2008, p. 13) explica que o ecoturismo surge no país como uma proposta de contemplação e conservação da natureza e, que os debates sobre a necessidade de conservação do meio ambiente, por meio de técnicas sustentáveis, atingem a atividade turística e inserem uma nova maneira de vivenciar e usufruir as paisagens rurais, as áreas florestadas, as regiões costeiras, entre outros ecossistemas, para um modelo de turismo mais responsável.

Petrere Jr. (2014) relata que a pesca amadora do tipo pesque-solte, provavelmente começou no Reino Unido, há mais de um século, e se espalhou pelo mundo. De início, não era uma estratégia de conservação dos estoques pesqueiros, mas apenas um simples descarte de peixes de menor interesse. Para o autor esse tipo de pesca, com a soltura imediata dos peixes capturados vem se difundindo no Brasil com o turismo, mas ainda é comum a pesca amadora em que o peixe é consumido. Nos diferentes tipos de pesca amadora, não se podem comercializar os peixes, o que a diferencia da pesca profissional, seja industrial ou artesanal. “Em todo o mundo, cerca de 30 bilhões de indivíduos são anualmente liberados após captura. Estima-se que a pesca amadora responda por 12% da captura mundial” (PETRERE JR., 2014).

O Tocantins, banhado por grandes rios como o Araguaia e o Tocantins, e diversos afluentes, apresenta uma enorme variedade de peixes, onde essa modalidade também é bastante difundida, atraindo muitos turistas, com destaque para algumas regiões.

O Governo do Estado do Tocantins (TOCANTINS, 2019), cita que há várias agências e pousadas que oferecem pacotes, principalmente para as regiões turísticas “Ilha do Bananal”, “Serras e Lago”, e “Lagos e Praias do Cantão”, onde existem pacotes que incluem traslado, hospedagem, alimentação, passeios de barco e equipamentos para pesca, além de guias treinados para oferecer segurança, informações e momentos de descontração aos turistas. A capital, Palmas, que conta com um lago formado pela represa da Usina Hidrelétrica de Lajeado, o município de Peixe e a região turística da Ilha do Bananal, atraem muitos turistas e contam com guias especializados que, em parceria com as pousadas locais, oferecem serviços guiados para prática da pesca esportiva no Rio Tocantins. Na região turística “Lagos e Praias do Cantão”, há pacotes turísticos incluindo safári fotográfico, observação de animais silvestres e aves, além de passeios de barco nos rios e lagos da região (TOCANTINS, 2019).

Associada ao turismo e lazer, esta modalidade pode vir a trazer danos aos animais, como destacado no relatório final da 7ª Conferência Mundial sobre o tema (CONFERÊNCIA MUNDIAL DE PESCA RECREATIVA – 7ª WRFC, 2014), que apontou que o rápido crescimento da pesca recreativa, decorrente do turismo nos países em desenvolvimento, causou problemas sociais e ecológicos, e recomendou a comunidade da pesca recreativa, produzir pesquisas a respeito das dimensões mais humanitárias da pesca, incluindo avaliações econômicas e sociais, e integrar essas investigações com a pesquisa científica da área da biologia. “A partir da comprovação científica da senciência¹ nos peixes ou da sua consciência diante de situações de sofrimento e desconforto, o bem-estar desses animais tem sido pesquisado desde a década de 90” (CAMINHAS, 2015, p. 1). Os pesquisadores Broom e Molento (2004 apud CAMINHAS, 2015, p. 2), indicam que “o bem-estar animal pode ser comprometido por doença, traumatismos, tratamento, manejo inadequado e mutilações variadas. Esclarecem também que bem-estar deve ser definido de forma que permita pronta relação com outros conceitos”, citando as “necessidades, liberdades, felicidade, adaptação, controle, capacidade de previsão, sentimentos, sofrimento, dor, ansiedade, medo, tédio, estresse e saúde”.

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), lançou uma cartilha com informações e procedimentos práticos para o

¹ Senciência é a capacidade dos animais de terem consciência (ainda que rudimentar) de sensações e sentimentos (DAWKINS, 2006 apud CAMINHAS, 2015, p. 2 e 3).

pesque e solte, com observações de que no Brasil e no mundo, em anos recentes, tem ocorrido grande crescimento na pesca amadora (destacando-se a pesca esportiva na modalidade pesque e solte) e esta, nos últimos cinco anos, cresceu 45% no Brasil. Embora esse número seja expressivo, encontra-se ainda abaixo da expectativa (IBAMA, 2006, p.10). Para o IBAMA a ideia de estruturação e divulgação da modalidade pesque e solte foi bem-aceita pelos pescadores esportivos brasileiros, mas tem esbarrado na pouca disponibilidade de informações técnicas sobre os procedimentos adequados à captura e soltura dos peixes, pois há a necessidade de desenvolvimento de técnicas adequadas relativas ao manuseio dos peixes capturados.

O Tocantins oferece uma riqueza de espécies de peixes amazônicos, que se tornam atrativos para a prática de pesca esportiva em diversas regiões do Estado. Espécies nativas, como o tucunaré, a caranha, a bicuda, a cachorra larga, o barbado e a curvina, por exemplo, são motivos para a vinda de praticantes dessa modalidade para as regiões turísticas tocantinas. Utilizando o esquema pesque e solte, a pesca esportiva pode proporcionar uma vivência com a natureza e o incentivo à preservação dos peixes e do meio ambiente (BITAR, 2017).

No Tocantins a pesca esportiva pode ser praticada, também, na época da piracema (época de migração para reprodução), conforme Portaria 358 de 25 de outubro de 2018, embasada na Lei Complementar n. 13, artigo 4º, de 1997, que define a Pesca Esportiva no Tocantins e contempla a atividade Pesca Esportiva, na modalidade pesque e solte com a utilização de anzol sem fisgas. A Portaria não permite a realização de torneios. Segundo a Secretaria da Agricultura, Pecuária e Aquicultura do Tocantins, a permissão da pesca esportiva beneficia guias, lojas de artigos de pesca e pousadas, que atuam no segmento. A Secretaria lançou uma cartilha digital, que orienta desde a confecção da carteira de pesca amadora, tipos de apetrechos utilizados, principais espécies, forma de contenção dos peixes e soltura de forma que, mais pescadores, possam pescar esse mesmo peixe novamente (TENÓRIO, 2018).

Em 2018 o Instituto Natureza do Tocantins (Naturatins), emitiu portaria determinando “cota-zero” para o transporte de pescado, para as pescas esportivas e amadoras. O consumo do pescado deverá ser realizado no local da pesca, limitado a uma quantidade de cinco quilos por pescador. Um dos motivos para essa implantação é a redução da quantidade de peixes nos rios do estado. A proibição

vale para os rios Araguaia e Tocantins, seus afluentes, lagos, lagoas marginais e reservatórios. Essa medida já existe em estados como Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais. Por causa disso, pescadores desses estados estariam vendo o Tocantins como uma oportunidade de continuar a praticar a pesca amadora, segundo o Superintendente do Naturatins (G1 TOCANTINS, 2018).

O turismo fortalecido, rios vastos e vários lagos, repletos de peixes no interior do Tocantins, fizeram a pesca esportiva crescer nos últimos dez anos. Por ano, cada guia de pesca profissional do Tocantins, recebe, em média, de 100 a 150 turistas em busca desse entretenimento diferenciado (SANTOS, 2017). Alex Silva foi o primeiro Guia de Pesca Esportiva do Tocantins, recebendo cerca de 60 pescadores por mês, e também grupos de três a cinco pessoas. O guia comenta que anteriormente recebia mais, no entanto, esse número varia por época e, curiosamente, os meses de férias (junho e julho) não são considerados uma boa temporada para pescar. A demanda diminui devido a ventania forte dessa época, que dificulta a pesca, pois exige mais técnica do que a maioria dos clientes costuma possuir (SANTOS, 2017). O grande atrativo de Palmas para os turistas é que os lagos são de fácil e rápido acesso. Além disso, os turistas que vêm do Sul e Sudeste do Brasil, se interessam pela pesca do Tucunaré Azul, espécie nativa da Bacia Tocantins-Araguaia. Ele pode chegar a 1 m de comprimento, sendo a preferência dos turistas, devido ao tamanho e a cor. No entanto, de acordo com o guia de pesca esportiva tocantinense, Juliano Lasca, a espécie precisa de mais preservação. O Tucunaré é o tipo de peixe mais visado, tanto por quem vem de fora, como pela própria população do Estado e, por isso, pode sofrer extinção (SANTOS, 2017).

O IBAMA (2006, p.20) recomenda, que para um manejo correto, é necessário ter conhecimento sobre as características da espécie e os procedimentos adequados, que envolvem desde a captura até a devolução dos peixes para a água, possibilitando maiores chances de sobrevivência do animal. Além do ferimento produzido pelo anzol, o contato do peixe com as mãos, corpo, roupa ou a sua contenção entre os braços e peito do pescador para os registros fotográficos (Figura 1), podem provocar a retirada da camada mucosa que reveste o corpo do animal e tem efeito fungicida e bactericida, possibilitando ainda um menor atrito com o meio aquático quando o peixe está em movimento de natação. A “briga” com o peixe (sic) deve ser o mais breve possível, a fim de evitar que ele entre em estado de fadiga,

situação que poderá comprometer a sua recuperação após a soltura (IBAMA, 2006, p. 21).

Figura 1. O contato direto com o peixe pode retirar sua camada mucosa protetora.



Fonte: IBAMA (2006).

Retirar o peixe o suficiente para a extração do anzol, e não manter na posição vertical (Figura 2), procedimento adotado pelo pescador para os registros fotográficos. Sua devolução deverá ocorrer no tempo mínimo necessário. Tal cuidado evita a união momentânea dos filamentos branquiais e a desidratação da pele do peixe (IBAMA, 2006, p. 27).

Figura 2. Peixe erroneamente retirado da água e colocado em posição vertical, para registro.



Fonte: IBAMA (2006).

O IBAMA (2006, p. 30 e 31) alerta que, erroneamente, ao se retirarem o peixe, leva-se as mãos às suas brânquias, conhecidas como guelras, que são

responsáveis pela respiração e osmorregulação. Além de poder provocar ferimentos nos filamentos branquiais, comprometendo o seu funcionamento e favorecendo a proliferação de organismos oportunistas (fungos e bactérias), se houver sangramento, quando for solto para o ambiente aquático, poderá atrair predadores (Figura 3).

Figura 3. Contato errôneo das mãos com as brânquias, provocando ferimentos.



Fonte: IBAMA (2006).

Pedúnculo caudal é o local em que a maioria dos pescadores segura os peixes, geralmente colocando-os de cabeça para baixo (Figura 4). Independentemente de ser de couro ou de escama, ao segurá-lo nessa posição, o pescador exerce uma pressão excessiva, que pode provocar a retirada de escamas e lesões na musculatura do animal capturado (IBAMA, 2006, p. 31 e 32).

Figura 4. Pescador segurando o peixe pelo pedúnculo caudal, podendo provocar lesões.



Fonte: IBAMA (2006).

Para finalizar, o IBAMA (2006, p. 33) orienta que quando se fizer a devolução do peixe na água, não jogar, mas colocá-lo suavemente na posição horizontal. Dentro da água, segurá-lo pela nadadeira dorsal ou com a mão na região ventral, mantendo a boca voltada contra a correnteza, até que ele saia nadando normalmente.

Dentre muitas recomendações do IBAMA, estas são as principais citadas, para que se minimizem os impactos causados pela pesca esportiva aos animais, em um segmento que muito vem se destacando no turismo.

3.1.2 Exposições agropecuárias

De acordo com Felizola (2011 apud BENVENUTI, 2018, p. 42), no Brasil o uso do animal é intenso. Existem manifestações culturais e eventos, que podem ser caracterizados como crime de maus tratos. Alguns foram proibidos por leis federais, estaduais e municipais, porém, muitos desses eventos são mantidos por interesses políticos e econômicos.

Com grande tradição no Tocantins, as Exposições Agropecuárias têm um calendário anual de realização e atraem um público expressivo. Esses eventos movimentam a economia local, promovem negócios, entretenimento e qualificação profissional, através de programações artísticas e técnicas. Muitas cidades tocantinenses, também recebem anualmente em seu calendário de atrações, as populares e já consagradas festas agropecuárias, que trazem em consonância as cavalgadas, as competições de rodeio, tropeadas, pega do garrote, provas de laço entre outros eventos com animais.

Felizola (2011 apud BENVENUTI, 2018, p. 49), comenta que o rodeio se tornou popular com o tempo e, assim, se deu a busca por novos atrativos que gerassem maiores lucros e pudessem entreter o público. Os rodeios brasileiros passaram então a ter características mais nacionalistas, incluindo atividades como leilões, exposições de animais, shows de música *country* e outros ritmos musicais. Para Singer (2000 apud BENVENUTI, 2018, p. 52), as práticas em rodeios que envolvem animais, apesar de terem um apelo cultural, na maioria das vezes, acabam desrespeitando as normas de proteção animal. As campanhas populares, se destacam nas redes sociais, como formas de explicar como poderia ser o entretenimento correto utilizando os animais, acrescenta o autor.

Na cidade de Araguaína (TO), a cavalgada acontece no início do mês de junho, em um dia de domingo, integrando a programação da Exposição Agropecuária de Araguaína - Expoara (Figura 5), também chamada de “Pecuária”, que ocorre no Parque de Exposições Agropecuárias Dair José Lourenço, organizada pelo Sindicato Rural de Araguaína (SRA). O rodeio acontece nos últimos dias da exposição, com encerramento que costuma acontecer também em um dia de domingo. O evento atrai turistas e comunidade local, pois já é tradição em todo o estado.

Figura 5. Logomarca da XXX Cavalgada de Araguaína (2018) e cartaz da Expoara (2019).



Fonte: Sindicato Rural de Araguaína, 2019.

A Lei Municipal 2938, de 27 de abril de 2015, inclui no Calendário Oficial de Eventos Culturais do Município de Araguaína a Cavalgada de Araguaína e dá outras providências (ARAGUAÍNA, 2015). A Lei cita que o dia da Cavalgada será definido a cada ano pelo SRA, comemorado anualmente no mês de junho, que a organização e realização será de iniciativa do SRA, que o Poder Executivo Municipal deverá auxiliar o Sindicato na realização da Cavalgada com os meios possíveis, dentro da previsão orçamentária e/ou dotações suplementares, se necessários. Além disso, o Poder Municipal deverá disponibilizar para a realização da Cavalgada, estrutura física e de pessoal, liberar e/ou interditar ruas e logradouros públicos, se necessário, e sempre que possível e quando em assuntos congêneres, deverá divulgar a Cavalgada e poderá firmar convênios, participação pública privada, termo de cooperação ou qualquer meio necessário para instituir a parceria com o SRA (ARAGUAÍNA, 2015).

Araguaína é um grande polo em agropecuária e reconhecida como “A Capital do Boi Gordo”. O SRA foi fundado informalmente em 1963 por alguns produtores rurais e oficialmente em 1967, na intenção de defender os direitos e interesses da categoria, e conta atualmente com mais de 300 associados. Vitrine dos negócios realizados na região, a Expoara mostra o desenvolvimento que o setor agropecuário alcança todos os anos. A Exposição tem caráter comercial e de entretenimento (SINDICATO RURAL DE ARAGUAÍNA, 2019).

A Expoara traz em sua programação shows com atrações nacionais e locais (sertanejo, forró, gospel), rodeio em touros e cavalos (profissional e mirim), pega do garrote, prova de laço, torneio leiteiro, estandes para venda de máquinas, implementos agrícolas e veículos, cursos e palestras, parque de diversões, escolha da Garota Expoara, bares e restaurantes, exposição de animais, leilão, além da cavalgada e da tropeada, que marcam a abertura oficial do evento.

Em 2018 ocorreu a realização da 30ª Cavalgada de Araguaína, evento que vem sempre atingindo recorde de participação de cavaleiros e amazonas. No sábado, antecedendo a Cavalgada, ocorre desde 2006 a chegada da Tropeada da Integração Nossa Senhora Aparecida, que depois de percorrer fazendas da região, chega à Avenida Cônego João Lima com destino ao SRA. Em 2018, aconteceu a XII Tropeada e, o SRA, também completou seus 50 anos.

As comitivas de tropeiros tiveram papel fundamental na história do Tocantins, assim como de outros municípios tocantinenses, ao desbravar regiões inóspitas do então norte de Goiás. A natureza comercial e pacífica das comitivas criava laços de amizades entre seus integrantes, suas rotas e pousos. É isso que a Tropeada da Integração busca resgatar (SINDICATO RURAL DE ARAGUAÍNA, 2019).

O início da Cavalgada é marcado para as 08h00, na rodovia BR-153 no Setor Entroncamento (Figura 6), com chegada ao Parque de Exposições. No local acontecem as divulgações e premiações às comitivas classificadas em 10 quesitos, como a Tropa mais padronizada, a Amazona e o Cavaleiro mais idosos, e o Peão mais caracterizado.

Figura 6. Início da Cavalgada de Araguaína de 2019, saindo do Setor Entroncamento.



Fonte: Luzia Araújo Nunes (2019).

A Cavalgada é um dos momentos mais aguardados na programação da Expoara. Considerada a “Maior Cavalgada do Mundo”, há três décadas esse evento é transmitido através de gerações (SINDICATO RURAL DE ARAGUAÍNA, 2019). Cerca de cinco mil cavaleiros e amazonas, agrupados em mais de 50 comitivas percorrem as principais ruas e avenidas de Araguaína, sob aplausos de um público estimado em mais de 120 mil pessoas, que ocupam as calçadas por todo o trajeto de 5 km, segundo o SRA (2019).

Com o passar dos anos, o SRA vem adotando algumas mudanças, que visam a segurança, saúde e bem-estar dos animais. Antes costumava-se ver animais puxando carroças percorrendo todo o trajeto. Um só animal, puxava a carroça com quantidades elevadas de pessoas. Hoje, essa prática foi abolida. Também se observavam duas pessoas montadas em um único cavalo, e hoje isso não é mais permitido (Figura 7).

Figura 7. Na Cavalgada de 2019, foi observada uma média de duas pessoas por carroça e uma por animal (crianças foram exceção).



Fonte: Luzia Araújo Nunes (2019).

Apesar destas mudanças, outras situações ainda são preocupantes, como o longo percurso (5 km) que os animais caminham embaixo de sol escaldante (as comitivas costumam sair muito tarde e chegam ao Parque de Exposições por volta de 13h00) e, após o fim do evento, frequentemente, esses animais são deixados soltos pela cidade, podendo ocasionar acidentes com veículos ou mesmo com pedestres. É possível vê-los aguardando para serem recolhidos, depois do longo percurso, sem ao menos que lhe sejam oferecidos água ou comida. Uma observação na Cavalgada de 2019, foi a utilização de chicotes e esporas pelos participantes, prática que também já deveria ter sido abolida (Figura 8).

Figura 8. Utilização de chicote e esporas é comum durante a Cavalgada.



Fonte: Luzia Araújo Nunes (2019).

Outra observação a ser feita, é quanto ao consumo de bebidas alcólicas por parte de cavaleiros e amazonas durante o percurso, que pode vir a gerar algum tipo de incidente ou mesmo acidente (Figura 9). Também é muito comum ver o público consumir bebida alcóolica durante o evento. De acordo com Lauris (2018), na Cavalgada de 2018, nove pessoas foram flagradas, dirigindo embriagadas.

Figura 9. Consumo de bebida alcohólica é permitido aos participantes da Cavalgada.



Fonte: Luzia Araújo Nunes (2019).

Além disso, é comumente observado o estacionamento de veículos sobre as calçadas (Figura 10).

Figura 10. Camionete estacionada sobre a calçada, durante Cavalgada de Araguaína.



Fonte: Luzia Araújo Nunes (2019).

Outro transtorno observado é o forte mal cheiro de urina. Como não são disponibilizados banheiros químicos, o público erroneamente urina nas proximidades, gerando um odor insuportável (Figura 11).

Figura 11. Homem urina na calçada, nas proximidades da Cavalgada.



Fonte: Luzia Araújo Nunes (2019).

Situação preocupante são os carros e estabelecimentos com som altíssimo durante o percurso, que tendem a estressar os animais, vindo a se assustarem e causarem algum tipo de acidente. Costa (2019), comenta que às pessoas em geral, que vão às ruas para assistir ao desfile e curtir a animação em tendas e camarotes, na agitação, o som automotivo tem sido um dos ingredientes da festa. Segundo a autora, o presidente da Agência Municipal de Segurança, Transporte e Trânsito (ASTT) de Araguaína, afirmou que o uso de sons automotivos é permitido durante a cavalgada, mas o proprietário do veículo deverá seguir o Código de Posturas do Município e a Lei Nacional de Trânsito, onde o responsável por todo som que estiver incomodando o próximo ou causando perturbação do sossego público, estará sujeito a multa de R\$ 195,23, por se tratar de uma infração grave. É um critério subjetivo e depende de cada caso (COSTA, 2019).

Em 1998, com a Lei de Crimes Ambientais, as condutas que sujeitam os animais à crueldade foram criminalizadas. O artigo 32 da Lei n. 9.605, estabelece que práticas abusivas, como maus tratos, situações em que os animais possam se ferir ou mesmo ser mutilados, sejam silvestres, domésticos, nativos ou exóticos, geram penas. Entre elas, estão a detenção de três meses a um ano e multa (BRASIL, 1998).

A Cavalgada da cidade de Pium (TO), edição 2019, contou com um acontecimento lamentável. De acordo com Fernandes (2019), dois animais morreram durante a tradicional “Cavalgada Ecológica”, que tem percurso de 75 km,

começando no sábado e terminando no domingo, no Parque de Exposições. O excesso de esforço físico, o calor e possíveis maus-tratos, podem ter sido as causas da morte dos animais. “Moradores relataram que um burro teria agonizado e sangrado até a morte no centro da cidade. A cena lamentável foi denunciada pela população nas redes sociais. Um cavalo também morreu durante o percurso”, comenta Fernandes (2019). A autora relata que segundo os moradores, essa não é a primeira vez que animais morrem devido ao esforço físico durante a cavalgada. Nos eventos passados não foi diferente, nos anos de 2016, 2017 e 2018, morreram vários animais devido a maus-tratos. Alguns participantes reclamam da falta de fiscalização pelos direitos dos animais (FERNANDES, 2019).

Mediante as notícias de maus tratos e morte de animais em Pium, a 12ª Promotoria de Justiça de Araguaína expediu uma recomendação, orientando sobre providências a serem adotadas por órgãos municipais, estaduais e instituições privadas, envolvidas na organização da Cavalgada de Araguaína. O Ministério Público recomendou estratégias educativas para prevenir acidentes de trânsito e que organizadores e comitivas, adotassem estratégias para prevenir acidentes, com pessoas e animais no interior do Parque de Exposição e, se acontecessem, que a Polícia Ambiental fosse acionada. Caso se verificassem atos ou indícios de maus tratos ou morte de animais, o presidente do Sindicato Rural, deveria comunicar o caso imediatamente à Polícia Militar Ambiental, a fim de identificar e conduzir os responsáveis à autoridade policial, conforme dispõe o art. 32 da Lei de Crimes Ambientais (ARNALDO FILHO, 2019).

As mudanças na Cavalgada de Araguaína, apesar de incipientes, foram importantes, pois mostram a evolução no pensamento ético e do cuidado em não se praticar danos e maus tratos a esses seres, pois os animais, apesar de não se comunicarem verbalmente, também demonstram medo, angústia e dor. Como destaca Boff (2006), a convivência com todos os seres, nos leva a excluir a violência e a utilização meramente egoísta e utilitária dos bens da natureza. Isso não significa que renunciemos ao desenvolvimento necessário para atender nossas demandas, mas o faremos em sinergia com a natureza e não à custa de sua devastação. É esta atitude de respeito, tão viva entre as culturas originais, que impõe limites à veracidade de nosso sistema depredador, que tem como eixo de sua estrutura, a vontade de poder sobre tudo e sobre todos.

3.2 Utilização de animais como atrativo turístico no Brasil

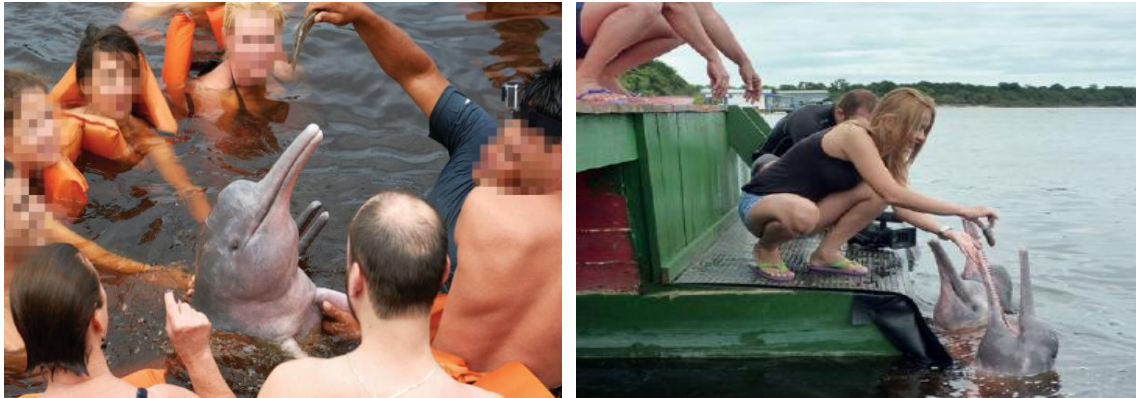
3.2.1 Interação com botos

“O turismo voltado à observação de baleias e golfinhos cresce rapidamente em todo o mundo. Esta atividade é considerada como potencial medida de conservação; no entanto, se desordenada, pode causar efeito inverso” (ROMAGNOLI, 2009, p. 569). De acordo com Vidal (2011, p. 73), a interação de pessoas com animais aquáticos, como baleias, golfinhos, peixes-boi e tartarugas, é extremamente agradável, onde pesquisas indicam que esses contatos permitem ampliar o conhecimento sobre as espécies, beneficiando a sua conservação e, em alguns casos, ajudar no tratamento de deficiências físicas e mentais em humanos. Segundo o autor, no entanto, ambientalistas opõem-se a tais interações, argumentando que podem modificar o comportamento natural dos animais em seu ambiente.

Romagnoli (2009, p. 569), cita que na Amazônia, a espécie-alvo é o boto-vermelho (*Inia geoffrensis*) e que as ameaças a esta espécie têm aumentado, o que inclui o turismo desordenado. Ela alerta que diante da necessidade de se adotar medidas para sua conservação, o Ecoturismo pode ser uma ferramenta útil, pois um de seus fundamentos é promover a sensibilização ambiental de turistas e moradores, de modo que contribuam com a conservação. Vidal (2011, p. 74), explica que o boto-vermelho, conhecido como boto-cor-de-rosa é a maior das duas espécies de Cetáceos que vivem nos rios amazônicos, tem a pele rosada e atinge até 2,5 m de comprimento e 185 kg. São excelentes nadadores e alimentam-se de peixes e outros animais aquáticos, precisando subir à superfície periodicamente para respirar, mas ficam submersos por longos períodos, e têm um biossonar para localizar os peixes e se orientar dentro d'água.

Um estudo da Proteção Animal Mundial (2017, p. 8), investigou em Manaus 18 diferentes empresas de turismo, e revelou que a oportunidade de tocar e segurar animais silvestres, para usá-los como acessórios em fotos, era oferecida em 94% das excursões e, ativamente incentivada em 77%. O boto cor-de-rosa era a espécie mais comumente oferecida para contato físico (Figura 12), seguido pela preguiça de três dedos, jacaretinga (espécie de jacaré), sucuri-verde e saimiri (macaco-de-cheiro ou macaco-esquilo).

Figura 12. Turistas interagem com os botos para registro fotográfico.



Fonte: Proteção Animal Mundial (2017) e Vidal (2011).

Na Amazônia, esse tipo de contato ocorre diariamente no Parque Nacional de Anavilhanas, Novo Airão, Amazonas. Esse parque no Rio Negro, tem 350 mil hectares, é formado por cerca de 400 ilhas, além de lagos e igarapés, e abriga uma diversidade de animais e plantas, onde a interação direta com o boto-vermelho é hoje a principal atração de turistas do país e do exterior, para alimentar os botos, fotografá-los, tocá-los e nadar com eles (VIDAL, 2011, p. 73).

Silva Junior (2017 p. 433), comenta em seu estudo sobre observação de mamíferos aquáticos que “apesar de existirem muitos textos sobre o ecoturismo como instrumento de conservação, ainda não existe uma conclusão única”. O autor relaciona que os benefícios podem ser psicológicos, econômicos, ambientais, fisiológicos, sociais e educacionais. Por outro lado, os impactos mais observados são alterações comportamentais em resposta ao tráfego de barcos, inibição de comportamentos biologicamente importantes, (alimentação, repouso e reprodução) indução a deslocamentos desnecessários, diminuição das oportunidades de alimentação, aumento das possibilidades de predação, diminuição do cuidado parental, lesão e mortalidade por atropelamento com as embarcações.

Santos Júnior et al. (2006, p. 661), comentam que a crescente indústria do turismo tem se estendido ao ambiente aquático, tornando os mamíferos suscetíveis a interações com humanos, e que o turismo de observação de golfinhos na praia de Pipa, litoral sul do Rio Grande do Norte, tem se desenvolvido, aumentando o número de barcos nesta área. Em seu estudo, foram observadas alterações comportamentais na espécie *Sotalia guianensis* (boto cinza) causadas pela presença dos barcos. Os resultados mostraram que o tipo de aproximação praticado

pelos barcos de observação de golfinhos, tinha maior influência no comportamento dos animais, especialmente em grupos com filhotes.

Nunes (2015, p. 6), comenta que os botos-vermelhos são considerados animais com baixa atividade vocal, mas capazes de produzir uma série de sons e que os contextos e funções destas vocalizações ainda não estão esclarecidos, assim como a composição do repertório vocal da espécie. Seu estudo no baixo Rio Negro, Amazonas, teve como objetivos descrever o repertório vocal do boto-vermelho, verificar se as fonações correspondem a contextos comportamentais específicos e verificar as respostas comportamentais, relacionando com a atividade turística. Gravações acústicas e observações comportamentais foram realizadas em três diferentes flutuantes de interação com botos, onde as agregações se formam em função do alimento oferecido (cada lugar possui indivíduos reconhecidos por meio de marcas e padrões individuais de cicatrizes). Os botos alteraram seu comportamento devido às interações com humanos e ao uso de alimentação suplementar. No local mais antigo de interação, a probabilidade dos animais de permanecer em comportamento agressivo foi maior. Animais permanecem próximos ao flutuante boa parte do tempo, provavelmente por estarem sensibilizados pela alimentação suplementar, como forma de atração, e terem sido condicionados ao contato humano. A autora sugere medidas de manejo para garantir a qualidade da atividade turística e o bem-estar dos animais (NUNES, 2015, p. 6).

A Proteção Animal Mundial (2017, p. 8), realizou a primeira análise de atrações turísticas que oferecem contato próximo com animais silvestres na América Latina. A pesquisa revela que muitos estabelecimentos e operadoras de turismo vêm explorando os animais de forma cruel, além de desrespeitar as leis de proteção animal, para oferecer aos turistas a oportunidade de tirar *selfies* com eles, sendo que 54% das 249 atrações *online* ofereciam contato direto, como segurar os animais para fotos, 35% das atrações usavam comida para atraí-los e 11% ofereciam a oportunidade de nadar com os animais. Além da preocupação com o bem-estar desses animais, 61% das espécies identificadas estão atualmente classificadas como necessitando de proteção legal internacional e 21% delas estão classificadas como ameaçadas.

O bem-estar animal existe quando as necessidades nutricionais, ambientais, de saúde, comportamentais e psicológicas estão sendo atendidas. Mesmo as operadoras de turismo mais bem intencionadas privarão os animais de uma ou todas

essas necessidades durante o processo de aproximação, captura, condução, contenção, alimentação, transporte, retenção, uso e/ou disposição desses animais. Contatos regulares próximos ou diretos com turistas podem afetar negativamente a reprodução e a alimentação desses animais, alerta a Proteção Animal Mundial (2017, p. 22).

3.2.2 Focagem noturna de animais

Para Fisher et al. (2014, p. 413), o ecoturismo é uma alternativa de lazer que alia a responsabilidade sobre as áreas naturais, o bem estar da população, o desenvolvimento sustentável e a educação ambiental, mas sua prática alerta para uma reflexão teórica e ética que envolve a sociedade e o uso da natureza, assim como a avaliação dos impactos positivos e negativos no meio ambiente, na economia, na cultura e na organização das comunidades.

Um dos atrativos que vem chamando muito a atenção dos turistas, tanto nacionais como internacionais é a observação de animais. Entre eles aves, jacarés, onças e outros animais silvestres. A observação é realizada através de passeios durante o dia, mas principalmente durante a noite, hora em que os animais se dispersam em seu *habitat* natural, ideal para a prática da chamada focagem noturna, que é a observação de animais realizada durante a noite com a utilização de lanternas. Na internet, encontra-se disponível uma infinidade de ofertas de passeios para a prática, principalmente no pantanal e no Amazonas, desde grandes cruzeiros até pequenas embarcações.

O Governo do Estado do Mato Grosso do Sul (2019) chama a atenção para a biodiversidade da região e diz que o pantanal sul-mato-grossense é a combinação harmoniosa entre água, fauna, flora e gente, sendo um paraíso para observadores, pois é a maior planície inundável do planeta, cenário de uma incrível biodiversidade, onde vivem cerca de 230 espécies de peixes, 650 de aves, 80 de mamíferos e 50 de répteis. Alguns dos municípios do pantanal mais procurados são Anastácio, Aquidauana, Miranda, Corumbá e Ladário, onde tem infraestrutura para atender os turistas.

O próprio *site* de turismo do Mato Grosso do Sul (2019) faz a divulgação da focagem noturna como um atrativo para os turistas que gostam de aventura, dando os safáris noturnos como uma ótima opção, informando que o passeio dura

aproximadamente duas horas e permite a observação de animais como lobinhos, jaguatiricas, antas, jacarés corujas e até onças pintadas. O safári é feito em carros especiais, com bancos ao ar livre e de alturas alternadas, equipados com lanternas, onde os turistas conseguem achar os animais ao focarem a luz na mata nativa, pois a luz forte das lanternas reflete aos olhos dos animais e eles começam a brilhar no escuro.

Freire (2015), comenta sua viagem pelo Amazonas no barco *Iberostar Grand Amazon* e diz que o programa de atividade é semelhante do oferecido pelos *lodges* de selva convencionais, com caminhadas pela selva, passeios de barquinho pelos igarapés e igapós, visitas a famílias de caboclos ou a arremedos de aldeias indígenas, pescaria de piranhas e observação de aves.

Freire (2015) explica que de todos esses passeios, talvez a focagem noturna de jacarés seja o mais famoso (Figura 13). Ele diz que segundo os guias, as buscas no rio Solimões são bem mais fáceis do que no rio Negro (de águas mais ácidas, quentes e pobres). Por isso também, o tamanho dos jacarés seria maior no Solimões.

Figura 13. Turistas seguram jacaré para registro fotográfico.



Fonte: Ricardo Freire (2015).

Paulo e Costa (2012) analisaram as modificações territoriais e possíveis impactos ambientais estimulados pelo turismo entre os anos de 1990, 2000 e 2010 fazendo uma série histórica em algumas cidades pantaneiras, sendo Aquidauana e Corumbá no Estado de Mato Grosso do Sul, e Poconé e Cáceres no Estado de Mato Grosso. Eles citam alguns possíveis impactos comuns:

- Pesca em barco a motor: relacionado com o afugentamento da fauna devido ao barulho e movimentação da água e com uma provável poluição hídrica ocasionada pelo óleo do motor e possíveis derramamentos de combustível;
- Trilha: não foram encontrados estudos sobre a capacidade de suporte de nenhuma das trilhas feitas pelas hospedagens, e todas foram escolhidas de acordo com a paisagem mais atraente para os visitantes. Isto significa um risco de impactos negativos para a fauna local através de uma possível destruição de seus habitats.
- Alimentação dos animais por parte dos visitantes, e a falta de uma fiscalização efetiva dos funcionários para impedir estas ações. Grande parte dos turistas entrevistados afirmou oferecer alimentos para os animais silvestres, com o intuito de aproximá-los e tocá-los. Fator este que acaba por contribuir com a domesticação destes animais;
- Cavalgada: esta atividade também não conta com estudos ambientais das trilhas realizadas, o que favorece possíveis impactos relacionados com a destruição de nichos de habitats de algumas espécies;
- Safári diurno e noturno: a atividade contribui para a ocorrência de distúrbios no comportamento animal, devido à forte presença humana em áreas selvagens, e levanta o risco de domesticação;
- Focagem noturna de animais: contribui com o *stress* dos animais e com a modificação de hábitos de algumas espécies noturnas, devido à forte iluminação lançada, principalmente em seus ninhos.

A Proteção Animal Mundial (2017, p. 16), alerta que o turismo com vida silvestre, quando corretamente gerenciado, pode ser bom tanto para o meio ambiente como para os animais silvestres, podendo ajudar a financiar e manter áreas de proteção ambiental, melhorar o bem-estar animal e aliviar a pobreza.

A Organização cita que muitas operadoras de turismo mantêm esses valores fundamentais em seus modelos comerciais, porém há muitas operadoras de turismo e estabelecimentos que exploram a vida silvestre por lucro e de formas que infringem sofrimento aos animais, destroem seu *habitat* natural e causam declínio das espécies, e para piorar a situação, a massiva popularidade tanto dos telefones celulares quanto das redes sociais pode estar impulsionando o crescimento desse lado sombrio e explorador do turismo com vida silvestre, onde em *selfies*, os turistas

capturam imagens de si mesmos, segurando ou tocando o animal (PROTEÇÃO ANIMAL MUNDIAL, 2017, p. 16).

3.2.3 Convívio com macacos-prego em áreas antropizadas (parques urbanos)

Saito et al. (2010, p. 516), comentam que mudanças culturais na relação homem e fauna silvestre, decorrentes de fatores diversos, como a redução do *habitat* natural e a falta de conhecimento sobre a própria fauna silvestre, tem ocasionado a adoção de comportamentos inadequados do homem em relação aos animais, entre tentativas de alimentação, domesticação e manutenção de espécies silvestres como animais de estimação. Simultaneamente o alto grau de adaptabilidade de algumas espécies, tem ocasionado interações estreitas e conflituosas entre humanos e animais na tentativa destes se adaptarem aos efeitos da urbanização por ação antrópica.

Martins (2005, p. 14), relata que tem havido muitas ocorrências de conflitos envolvendo macacos-prego (*Cebus apella*) e humanos nos parques municipais e diz que harmonizar esses conflitos tem sido um grande desafio, e encontrar soluções para os problemas gerados torna-se cada dia mais urgente. “Os primatas do gênero *Sapajus* possuem uma alta capacidade de explorar recursos associados à convivência com humanos, gerando potenciais conflitos para ambas as partes” (SANTOS; MARTINEZ, 2015, p. 272).

Santos e Martinez (2015, p. 272), realizaram uma pesquisa para caracterizar as interações entre *Sapajus* e humanos (habitantes e visitantes) na reserva florestal do Poço Escuro em Vitória da Conquista, Bahia, onde habita um grupo de pelo menos três espécies de *Sapajus* e seus híbridos. O local recebe visitação pública constante e encontrando-se rodeado por dois bairros. Foram realizadas observações diretas dos macacos, levantamento de dados na Secretaria de Saúde, entrevistas e análise documental das plantas presentes na reserva. Constatou-se que não há suficientes plantas frutificando durante a estação seca, o que poderia estar forçando os animais procurarem alimentação de origem humana e os fazerem dependentes de suplementação alimentar da Prefeitura. Os autores alertam que conflitos relacionados à oferta de alimentos a esses animais aumentam os riscos de acidentes, sendo necessário que sejam tomadas providencias, como a conscientização de moradores e visitantes e a capacitação técnica para os

funcionários da reserva, bem como implementação de medidas que propiciem o bem estar-animal.

Outro trabalho, realizado por Martins (2005, p. 14), procurou investigar como se estabelecem as relações com os macacos no Parque da Criança em Anápolis, Goiás, o que as pessoas pensam a respeito da presença desses animais, e sobre a forma como se comportam, sendo realizadas observações diretas das interações e entrevistas com os frequentadores do parque. Os resultados mostraram que ocorreram mais interações nos finais de semana. A mata foi o local em que houve mais registros de interações, e nos brinquedos ocorreram mais interações conflituosas, sendo o transporte de alimentos um fator importante para a ocorrência de interações conflituosas. O transporte de sacolas e outros objetos não favoreceu esse tipo de interação.

A exemplo do que vem ocorrendo em outros locais, os macacos-prego (espécie *Cebus libidinosus*, considerada uma subespécie do *Cebus apella*) do Parque Nacional de Brasília que frequentam a área de visitação, encontram-se em competição direta com humanos, têm fácil acesso a alimentos antropogênicos e alimentam-se do lixo produzido pelos visitantes, revelou o estudo de Saito et al. (2010, p. 516). Os resultados indicaram que:

- Praticamente 80% das interações entre os macacos e humanos envolveram a presença de comida;
- A maior parte dessas interações foi iniciada pelos visitantes (47,3%) que em 56% dos casos forneceram espontânea e diretamente alimentos para os animais, jogando para que estes pudessem apanhá-los ou ainda deixaram restos de alimento a fim de que os animais pudessem ter acesso;
- Em apenas 19,5% dos casos, os macacos roubaram alimentos dos visitantes;
- A distância mínima ente os visitantes e os macacos variou de 1 cm a 1 m;
- Humanos adultos e macacos machos adultos foram os que mais interagiram. Mulheres e crianças, bem como macacas adultas, jovens e filhotes, apresentaram baixo número de interações;
- 63,9% dos visitantes do parque desconheciam o nome popular da espécie de macaco que frequenta a área da piscina e a maioria dos entrevistados desconhecia a sua dieta;

- 70,9% dos visitantes apresentaram atitudes positivas em relação aos macacos-prego.

Diante destes dados, é preocupante o que a interação entre macacos e humanos pode estar causando a estes animais, pois esse contato pode estar modificando, além do seu comportamento, sua dieta. De acordo com os estudos de Saito et al. (2010, p. 517), a maior parte dos alimentos antropogênicos consumidos pelos macacos apresentam um alto nível calórico, onde a ingestão desses alimentos pode aumentar os níveis de glicose e colesterol, causando obesidade, problemas cardíacos e diabetes. A ingestão de grande quantidade de açúcar também pode provocar o aparecimento de cáries.

3.2.4 Contato com preguiças

A Proteção Animal Mundial (2017, p. 7) encomendou uma pesquisa de *Social Listening* (monitoramento de redes sociais), para obter informações mais sólidas sobre a crescente tendência mundial de *selfies* (fotos compartilhadas em rede social) com a vida silvestre. A pesquisa utilizou um *software* de reconhecimento de imagens, analisando a prevalência tanto de *selfies* “boas” quanto as “ruins” no Facebook, Twitter e Instagram (redes sociais), umas das maiores plataformas em que o fenômeno de *selfie* acontece. Foi descoberto um aumento de 292% no número de *selfies* com animais silvestres publicadas no Instagram de 2014 até o momento atual e mais de 40% dessas fotos são “ruins” (alguém abraçando, segurando ou interagindo inadequadamente com um animal silvestre). Os usuários são mais propensos a publicar *selfies* “boas” quando são educados/expostos a informações ou mensagens de campanha sobre a crueldade infligida aos animais no entretenimento turístico.

A preguiça comum (*Bradypus variegatus*) é encontrada em áreas florestadas em todo o Brasil e em parte das Américas do Sul e Central. A preguiça-de-coleira (*Bradypus torquatus*), só é encontrada na fauna brasileira e devido à progressiva devastação de sua área de ocorrência é considerada uma espécie ameaçada de extinção pelo IBAMA e pela União Mundial de Conservação (IUCN), segundo Moehlecke (2004).

Há grande preocupação com o uso de preguiças como acessórios para *selfies* (Figura 14) e o impacto negativo extremo em seu bem-estar causado pela indústria do turismo com vida silvestre. Vários aspectos de sua fisiologia e comportamento tornam as preguiças particularmente vulneráveis a esses tipos de interações com humanos, e há boas razões para crer que a maioria das preguiças que estão sendo utilizadas para *selfies* turísticas não sobrevive mais do que seis meses nessas condições, alerta a Proteção Animal Mundial (2017, p. 11).

Figura 14. Turistas seguram filhote de preguiça separado da sua mãe para a foto.



Fonte: Proteção Animal Mundial (2017).

Em Manaus, há evidências de que as preguiças-de-três-dedos estão sendo caçadas ilegalmente e utilizadas pelos turistas como acessórios para fotografias. Durante as *selfies*, cada preguiça é segurada, em média, por cinco pessoas em minutos, provavelmente causando estresse psicológico. As preguiças são arbóreas e em seu ambiente natural, os galhos fornecem o suporte de que necessitam. Observações mostram que os animais frequentemente são segurados pelas garras ou patas, sem nenhum apoio, com as cabeças e membros sendo manipulados em certas posições, para as *selfies*. Preguiças são observadas exibindo comportamentos que incluíam altos níveis de atenção, provavelmente indicando estresse e medo, e eram deixadas no chão e/ou amarradas em posições que as deixam extremamente vulneráveis, revelou a pesquisa da Proteção Animal Mundial (2017, p. 26).

3.3 Utilização de animais como atrativo turístico no Mundo

3.3.1 Passeios com elefantes e apresentações para registro fotográfico

A Proteção Animal Mundial (2016, p. 2) diz que “uma das maiores barreiras para a vida na natureza, em liberdade, é o turismo global. Quase um quarto desta indústria de trilhões de dólares é movido pela demanda do turismo da vida silvestre”. Neste sentido, o turismo com elefantes é extremamente popular na Tailândia, tanto que a população nativa de elefante asiático, praticamente desapareceu do seu meio natural. Turistas de todo o mundo voam até a Tailândia para ter essa diferente experiência de ver um elefante ao vivo. Existem inúmeras excursões para passeios em elefante, onde em campos de criação de elefantes, por uma pequena taxa, as pessoas podem passar o dia na presença desses animais. Elefantes são seres magníficos e o que poderia ser mais interessante do que assistir um elefante usando sua tromba para pintar? Esse encontro seria certamente uma experiência bonita, mas sob que circunstâncias se depararia um elefante, pintando um quadro, em meio à natureza? Se você encontrar essa situação, há grandes chances de esse elefante pintor estar sendo mantido em cativeiro (ONE GREEN PLANET, 2017).

O parque Maetaman é uma das muitas atrações animais em Chiang Mai, Tailândia, uma área lotada de turistas. Hoje, há cerca de 3.800 elefantes em cativeiro na Tailândia e outros milhares em todo o Sudeste Asiático. Atrações da fauna, como as do Maetaman são um segmento lucrativo da próspera indústria do turismo global. O número de viagens ao exterior dobrou em relação há 15 anos, e esse salto ocorreu, em parte, graças aos turistas chineses (DALY, 2019).

Conforme Daly (2019), uma das atrações é Meena, uma elefante de 4 anos e 2 meses. Seu tratador contou que ela fica na corrente com cravos durante o dia, porque costuma dar coices. Mas à noite ela também foi vista algemada a uma corrente curta, e sufocada por uma argola com cravos de metal. Quando a elefanta se cansa e baixa o pé, os cravos espetam mais fundo seu tornozelo. A autora relata outras situações observadas, como turistas nas costas dos animais embaixo do sol escaldante, fileiras de elefantes agrilhoados, turistas que sobem na tromba dos elefantes, onde eles, espetados pelos tratadores, içam os turistas no ar para as fotos. Além de visitantes que empurram bananas na direção das trombas, enquanto

os tratadores os aguilhoam, para que lancem dardos ou chutem bolas de futebol ao som de músicas.

São poucos os turistas conscientes de que estes animais em que passeiam, têm origem silvestre e, portanto, não se desenvolveram para carregar peso sobre o dorso. Desconhecem também que os métodos brutais de adestramento a que são submetidos, os privam de seus instintos mais básicos, onde são cruelmente retirados de seu *habitat*, ou criados em cativeiro, separados de suas mães e da vida em conjunto com outros de sua espécie com poucos meses de vida. Os elefantes criados para a indústria do turismo passam por enormes dores físicas e traumas psicológicos. O isolamento, a privação de comida e o espancamento são alguns dos métodos utilizados para suprimir seus instintos naturais e forçá-los a se apresentar em espetáculos. O medo e o sofrimento que estes filhotes de elefante experimentam são intensos (PROTEÇÃO ANIMAL MUNDIAL, 2014, p.3).

Os passeios de elefantes são grandes atrativos. São comercializados pelos agentes de viagens como uma experiência única de vida, em que o contato com o animal será emocionante. Em uma passagem rápida pelo site *TripAdvisor*, é possível visualizar alguns tipos de passeios, sendo mais populares em parques de elefantes e, alguns intitulados santuários. Nos parques de elefantes, o turista pode fazer uma série de atividades, como ver os elefantes pintarem quadros e fazer o passeio nas costas do animal (Figura 15). Nos santuários, busca-se a preservação do animal, ainda assim, existem locais que se intitulam santuários e utilizam o animal como meio de transporte turístico (BENVENUTI, 2018, p. 42).

Figura 15. Elefantes utilizados como meio de transporte em passeios turísticos.



Fonte: Proteção Animal Mundial (2014).

A Proteção Animal Mundial (2016, p. 5), comenta que abusos ao bem-estar dos animais incluem o fato de serem separados de suas mães desde muito cedo, apanharem ou serem feridos durante o treino. Eles também são forçados a serem montados, fazer truques ou permanecer passivos para as fotos de recordação (Figura 16).

Figura 16. Elefantes treinados para permanecerem imóveis em sessão de fotos.



Fonte: Kirsten Luci (National Geographic Brasil, 2019).

Os abusos se prolongam por toda a vida destes animais. Muitas vezes, seus adestradores utilizam objetos pontiagudos, a fim de controlá-los, durante espetáculos e passeios, que causam ferimentos, os quais rapidamente se transformam em infecções. Quando os passeios terminam, eles frequentemente têm seus movimentos limitados por correntes, sendo também mantidos sob a luz do sol e em altas temperaturas, em recintos de concreto que ferem suas patas. O fato de serem animais bastante sociáveis, que gostam de se tocar uns aos outros, é ignorado, já que são isolados do convívio com outros elefantes. Muitos sofrem como resultado do estresse físico e mental, imposto nestas condições. Cerca de 16 mil elefantes asiáticos vivem hoje em cativeiros em todo o mundo. A maioria deles foi retirada da natureza quando ainda filhote. Passeios de elefante são oferecidos atualmente na Ásia, na África do Sul, na Botswana, no Zimbábue e na Argentina (PROTEÇÃO ANIMAL MUNDIAL, 2014, p. 3).

O desenvolvimento sustentável, tem a *Internet* e outros meios de comunicação de massa, como facilitadores para a difusão da mensagem sustentável, e para a transmissão de informações sobre a gestão de

estabelecimentos turísticos que possuem animais como atração principal (CHEHIN, 2015, p. 11).

Para Chehin (2015, p. 11), as informações que são divulgadas na mídia, podem ter diferentes objetivos, como divulgar os estabelecimentos turísticos com animais, atrair o turista ou denunciar esses estabelecimentos, expondo os possíveis maus tratos que os animais sofrem. Com isso, a evolução da tecnologia de informação, juntamente com o aumento do número dos meios de comunicação de massa, permitirá, cada vez mais, que consumidores tenham acesso rápido e fácil a informações com diferentes focos sobre tais estabelecimentos. Caberá ao turista construir a sua opinião com justificativas próprias.

3.3.2 Parques temáticos com animais aquáticos

Os parques temáticos proporcionam divertimento e lazer, e tendem a fomentar a economia local na qual estão instalados, por meio do surgimento de outras atividades comerciais complementares, tanto em seu entorno, como em seu interior. Diante da importância do turismo de lazer e das visitas a empreendimentos do ramo de entretenimento, os parques temáticos se destacam (SILVA; MARQUES JÚNIOR, 2016, p. 182).

A indústria do entretenimento, na qual se enquadram os parques temáticos, tem experimentado um grande crescimento nas últimas décadas, e vem sendo identificada como um dos setores mais promissores da economia no futuro. No Brasil, a década de 90 pode ser descrita como a do verdadeiro desenvolvimento do setor como indústria, com diversos parques inaugurados, ou em fase de projeto ou execução (TANNURE, 1999, p. 5).

Parques temáticos são empreendimentos que utilizam temas diferenciados na ambientação física de suas atrações e têm como objetivo mercadológico o estímulo da atividade turística. O entretenimento é o conjunto das atividades relacionadas à qualidade de vida, e que se refere aos locais destinados a propiciar divertimento, dotados de equipamentos e serviços indispensáveis à atividade turística (ANSARAH, 1999, apud SILVA; MARQUES JÚNIOR, 2016, p. 184 e 187).

Os parques podem atuar como atração principal ou como incremento da oferta de entretenimento. Quando atuam como atração principal, também podem se transformar em chamariz para o desenvolvimento da economia local, como

aconteceu em Orlando, na Flórida (EUA), onde o local passou a ser o maior centro de diversões do planeta, por onde passam mais de 40 milhões de turistas por ano. O comércio local foi estimulado e possui hoje uma das maiores redes de hotéis do mundo e uma cadeia de lojas que vai de *shopping* de descontos a grifes mais sofisticadas (RODRIGUES, 2004 apud SILVA; MARQUES JÚNIOR, 2016, p. 190).

A principal tendência do setor de parques temáticos foi a de transformar um local onde toda a família possa se divertir. Os parques procuram proporcionar toda a gama de brinquedos e atrações diversas, de forma que os pais possam sair da condição de simples acompanhantes, para o papel de consumidores ativos (TANNURE, 1999, p. 15).

Em 1903, em Coney Island (EUA), foi aberto o Luna Park, o primeiro parque que utilizava o modelo de uma atração e impunha o tema Lua (RODRIGUES, 2004 apud SILVA; MARQUES JÚNIOR, 2016, p. 191 e 192). A cidade de Orlando possui muitos visitantes aos parques que se encontram em sua região. Os parques da Walt Disney World já se mostraram os maiores do mundo em relação ao número de visitantes recebidos, superando a cada ano esses números. Dentre eles estão os brasileiros, que compõem em maior número de turistas que a cidade recebe (PORTO, 2016, p. 10).

Já a Wet'n'Wild é a maior companhia de parques aquáticos do mundo, tendo sido concebida por George Millay, o criador do SeaWorld, e funciona com conceito similar à Disney, de oferecer diversão a toda a família, com segurança e qualidade. Porém, se diferencia pelo fato de que todos os brinquedos e atrações estão relacionados ao elemento água (TANNURE, 1999, p. 21). De acordo com Tannure (1999, p. 15 e 16), o SeaWorld é um parque aquático no qual são exibidos diariamente shows com golfinhos, focas e outros animais marinhos. Grupos organizados de escolas ou privados, são recebidos a fim de mostrar as pesquisas que o instituto realiza no campo de biologia marinha, oceanografia e aquários artificiais.

O parque tem algumas atrações radicais, como as montanhas-russas e brinquedos com água, mas seu foco são as atrações com animais marinhos, entre eles os famosos shows com orcas. No SeaWorld os visitantes têm a oportunidade de ver baleias, golfinhos, leões-marinhos, tubarões, pinguins, tartarugas, peixes e diversos bichos. A atração mais conhecida é a One Ocean, que acontece no Shamu Stadium. Nessa apresentação, baleias-orcas que pesam toneladas, fazem diversas

acrobacias ao ar e movimentos impressionantes, para animais desse porte. O Blue Horizons é uma apresentação que mistura as acrobacias dos golfinhos, um visual circense e a participação de treinadores, que fazem várias piruetas no ar. Todas as apresentações com animais têm horário marcado e acontecem ao menos três vezes por dia (PANZERA, 2019).

Em 2013 foi lançado o documentário *Blackfish*, de Gabriela Cowperthwaite, que narra a vida da orca Tilikum, desde a sua captura na costa da Islândia, passando por todo seu tempo de cativeiro. Tilikum se tornou mundialmente conhecida em 2010, quando foi responsável pela morte da treinadora Dawn Brancheau, no SeaWorld Orlando. O incidente fez crescer as críticas a parques aquáticos que mantêm animais como golfinhos e orcas em cativeiro. Tilikum morreu em 2017 (Figura 17) e o anúncio foi feito no site oficial do SeaWorld, que afirmou que, como todos os animais mais velhos, a orca sofria de alguns problemas de saúde graves, entre eles uma infecção pulmonar complicada e persistente. Dawn foi a terceira vítima da orca. Anteriormente, Tilikum já tinha sido responsável pela morte de outro treinador no extinto parque Sealand of the Pacific, no Canadá. Já em Orlando, ela matou um homem que invadiu a propriedade do SeaWorld (O GLOBO, 2017).

Figura 17. A orca Tilikum, famosa atração do parque Seaworld de Orlando, morta em 2017.



Fonte: O GLOBO, 2017.

No México, existem 29 empreendimentos que utilizam golfinhos, os quais contam com 342 animais, aproximadamente. A maioria se localiza em Quintana Roo, na Península de Yucatan, e podem ser encontrados em *shoppings*, marinas, hotéis, zoológicos e parques temáticos (BENVENUTI, 2018, p. 32). Desses 29

empreendimentos, a maioria possui de dois a 25 golfinhos, conhecidos como nariz-de-garrafa, espécie mais comumente utilizada devido a sua treinabilidade. As atividades que esses locais oferecem incluem interação física com os golfinhos e consistem, em o golfinho puxar e empurrar o turista pela água, além de posar para fotos. Os turistas pagam cerca de U\$ 70,00 a U\$ 200,00 para ter essa experiência, cuja duração é de 40 a 120 minutos. Importante ressaltar, que o México possui 8% dos parques marinhos de golfinhos do mundo e, aproximadamente, 10% de todos os golfinhos em cativeiro. Possui ainda, uma das maiores indústrias de golfinhos em cativeiro no mundo e a maior na América Latina. As instalações com golfinhos nos destinos mais populares do México são abertas todos os dias do ano, incluindo finais de semana e feriados (MARTINEZ, 2015 apud BENVENUTI 2018, p. 32 e 34).

Um relatório da Proteção Animal Mundial (2016, p.14) revelou que milhões de turistas visitam tanques de golfinhos, mas que eles não têm conhecimento da crueldade e abusos que estes golfinhos suportam ao se apresentarem (Figura 18).

Figura 18. Golfinhos em parque aquático, treinados para várias apresentações ao dia.



Fonte: Proteção Animal Mundial (2016).

Aqueles mantidos em tanques, tanto os capturados quanto os criados em cativeiro, enfrentam uma vida de sofrimento. Passam a vida inteira em um espaço não muito maior do que uma piscina, em situação antinatural e restritiva em relação ao seu ambiente natural em mar aberto. As piscinas são frequentemente tratadas com cloro, que pode causar irritações dolorosas na pele e nos olhos. Segundo o relatório, os golfinhos em tanques, sofrem de queimaduras solares, porque não podem escapar para as profundezas do oceano. Sua ecolocalização, usada para navegar, é altamente sintonizada, sofrendo interferência pelas laterais dos tanques.

Muitos golfinhos também enfrentam doenças relacionadas ao estresse e podem sofrer de ataques cardíacos e úlceras gástricas (PROTEÇÃO ANIMAL MUNDIAL, 2016, p. 14).

Segundo o documentário de Cowperthwaite, a relação tensa com outras orcas no parque, pode ter contribuído para aumentar a agressividade de Tilikum. Além disso, o filme questiona os argumentos do SeaWorld de que a expectativa de vida em cativeiro e na vida selvagem seria semelhante. O parque garante que não captura baleias no oceano há quase 40 anos. Em 2016, eles anunciaram o fim de seu programa de acasalamento de orcas, com isso, a atual geração será a última criada em cativeiro pelo parque. Atualmente, o SeaWorld tem 22 orcas em suas três unidades em Orlando, San Antonio e San Diego (O GLOBO, 2017).

Tanto as baleias fêmeas como os machos alcançam sua maturidade sexual com 14 anos, sendo que as fêmeas dão à luz a cada cinco anos e chegam à menopausa entre 40 a 45 anos. Os machos vivem, no máximo 60 a 70 anos, enquanto as fêmeas entre 80 a 90 anos. Mesmo com essa capacidade de longevidade, a expectativa de vida vem sendo baixa, pois, as baleias sobrevivem cerca de 46 anos na sua totalidade. Um estudo recente com 200 baleias em cativeiro, revelou que apenas duas fêmeas, ultrapassaram os 40 anos e, nenhuma baleia macho, chegou sequer aos 35 anos (ROSE, 2011 apud BENVENUTI, 2018, p. 25 e 26).

Rose (2011 apud BENVENUTI, 2018, p. 27 e 28), explica que as causas mais comuns de morte em cativeiro são por pneumonia e infecções sanguíneas e, normalmente, não manifestam sintomas nos ciclos iniciais, ou seja, quando se percebe a doença, pode ser tarde para o tratamento. Um dos fatores que contribuem para a morte de orcas em cativeiro é a imunossupressão, podendo ser fatal em baleias criadas em cativeiro, devido ao estresse crônico, depressão e até mesmo ao tédio. Todos esses agentes podem causar disfunção no sistema imunológico e outros problemas de saúde.

3.3.3 Zoológicos

Os animais vêm sendo utilizados no turismo de várias formas, seja como meios de transporte ou capturados na natureza, para serem exibidos e utilizados como entretenimento em parques (BENVENUTI, 2018 p. 13).

De acordo com Barreto, Guimarães e Oliveira (2009, apud BENVENUTI, 2018 p. 22), o zoológico é considerado um local próprio para a realização de atividades de educação ambiental, já que permite ao visitante realizar suas observações, mas as autoras, também indicam que sua existência vem sendo questionada, principalmente pelo fato de os animais encontrarem-se enjaulados e fora de seu *habitat* natural, podendo desenvolver estresse excessivo.

Para Sanders e Feijó (2007 apud BENVENUTI, 2018 p. 21), o uso de animais selvagens em zoológicos teve início com os egípcios, que durante suas viagens e batalhas, tinham o hábito de capturar gatos selvagens, babuínos e leões, o que lhes conferia, símbolo de força e poder. Com o tempo, outras pessoas foram adquirindo esses hábitos, fazendo com que também colecionassem animais exóticos, e quanto mais selvagem e raro fosse o animal, mais *status* social adquiria seu proprietário.

Os zoológicos geram curiosidade e tem grande potencial a ser explorado, principalmente na educação. Atualmente, também são utilizados para pesquisa e lazer, porém a maioria dos animais sofre com o comportamento inadequado de alguns visitantes, como gritos e objetos que são jogados nos animais, para que interajam com os visitantes, segundo Mendes (2014, p. 12).

Para Pryzant (2018), quando frente a frente com um animal selvagem, a perfeição da natureza salta aos olhos. Segundo a autora, os zoológicos só conseguem reproduzir tal experiência às custas de maus tratos físicos e psicológicos. Conhecer floras e faunas diferentes, faz parte de viajar, mas com a interação forçada, os animais perdem seus instintos e se tornam vulneráveis. Animais em zoológicos da Tailândia, Austrália, Estados Unidos, México e Argentina, são dopados para contato com turistas. O Zoológico de Luján, Argentina, a poucos quilômetros de Buenos Aires, oferece a oportunidade de uma *selfie* entre grandes felinos sonolentos, (Figura 19), um verdadeiro show de horrores, a autora define.

Figura 19. Animal com indícios de estar aparentemente dopado para *selfie*.



Fonte: Pryzant (2018).

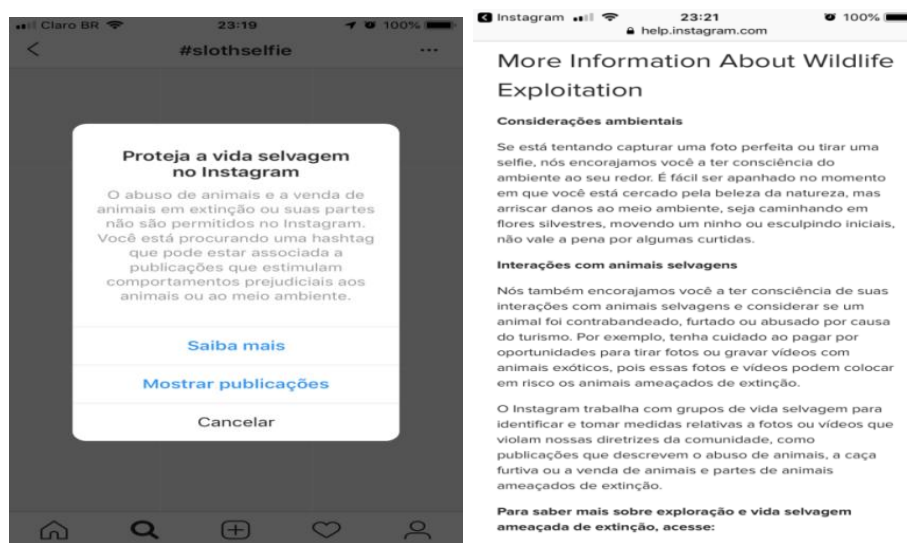
Quando se fala em zoológico uma função que está associada é o bem-estar dos animais, que inicia com uma boa saúde física. Quando o indivíduo possui ferimentos, deformidades e doenças, que geram sofrimento e vão consequentemente afetar a sua qualidade de vida, são variáveis que indicam se o animal está ou não em bem-estar (DAWKINS, 2006; ARAGÃO, 2013 apud MENDES, 2014, p. 16). A rotina de animais em cativeiro difere do comportamento na vida livre, o que deixa a vida destes animais previsíveis, e contribuem para o aparecimento de estereotípias, comportamento que ocorre quando o animal não possui controle do seu ambiente (CALVALCANTI et al., 2010 apud MENDES, 2014, p. 16).

Daly (2019), comenta que em viagem por três continentes, fazendo perguntas sobre como os animais são tratados, e recebendo respostas que nem sempre faziam sentido, concluiu que o sofrimento dos animais é ocultado metodicamente. A economia desse ramo depende de as pessoas acreditarem que os animais, que elas estão pagando para ver ou transportá-las, também estão se divertindo. A autora comenta que a maioria dos turistas que vivenciam tais encontros não sabe que os tigres adultos, talvez tenham as garras arrancadas, estejam dopados, e que sempre há filhotes para afagarem, porque os felinos têm sua reprodução acelerada artificialmente, onde as crias são retiradas das mães dias depois de nascer.

Os turistas, geralmente não pensam na possibilidade de estarem ajudando a prejudicar os animais e as redes sociais ampliam o equívoco. Aplausos ingênuos de amigos e formadores de opinião legitimam atrações. O papel das redes sociais

nesse problema vem sendo reconhecido. Em 2017, depois de uma reportagem da National Geographic, sobre o danoso turismo de vida selvagem na Amazônia, peruana e brasileira, o Instagram, introduziu uma funcionalidade. Usuários que buscam palavras com animais silvestres, como, #slothselfie (*selfie* com preguiça) e #tigercubselfie (*selfie* com filhote de tigre), agora veem na tela um aviso (Figura 20), que o que está sendo mostrado pode ser prejudicial aos animais (DALY, 2019).

Figura 20. Aviso mostrado na tela do celular, após pesquisa feita na rede Instagram por palavras que envolvam *selfie* com animais silvestres.



Fonte: Luzia Araújo Nunes (2019).

Enquanto estão de férias, muitas pessoas visitam atrações turísticas com animais silvestres. Quando bem feito, este turismo pode ajudar a protegê-los. Ao se gastar com a observação responsável da vida silvestre ou, em genuínos centros de resgate, os turistas ajudam a prover as comunidades locais e, são fontes vitais de renda. No entanto, muitas atrações turísticas têm um impacto negativo sobre os animais. A maioria das pessoas fecha os olhos para a extrema crueldade que os animais sofrem em nome do entretenimento turístico. Alguns desses estabelecimentos, também ajudam a empurrar espécies ameaçadas, cada vez mais perto da extinção (PROTEÇÃO ANIMAL MUNDIAL, 2016, p. 26).

Segundo Reis et al. (1998 apud OLIVEIRA, 2017, p. 49), a falta de conhecimento, tem levado a uma desvalorização das medidas de conservação da fauna nativa, sendo a principal causa de muitas mortes de animais e de capturas ilegais.

Atualmente, os zoológicos e aquários tem sido explorados para estudos sobre comportamento animal, através de observações para ações de conservação de espécies na natureza. Outra vertente é a conservação das espécies ameaçadas ou em risco de extinção, que juntamente com a educação ambiental, são instrumentos para proteção. Porém, o ambiente em cativeiro, por ser diferente do natural, com espaço limitado e poucos estímulos, pode conduzir a desvios comportamentais, resultando em consequências negativas e que prejudicam o bem-estar do animal. Desta forma, para garantir seu bem-estar, podem ser realizadas técnicas de enriquecimento ambiental, que forneçam estímulos necessários para o bem-estar psicológico e fisiológico, dando oportunidades de expressão de comportamentos típicos da espécie, assim como desenvolvendo atividades que explorem principalmente seus sentidos (BUHR, 2018, p. 9).

Constata-se, então, que a Educação Ambiental nos zoológicos, apresenta grande potencial para disseminar informações da fauna regional e global, além de contribuir com hábitos e atitudes positivas em relação à conservação do meio ambiente (GARCIA, 2006 apud OLIVEIRA, 2017, p. 18). Portanto, ela promove tanto a sensibilização do público visitante, quanto desperta a preocupação com as consequências da destruição da diversidade biológica, estimulando atitudes positivas (MARINO, 2008 apud OLIVEIRA, 2017, p. 18).

3.3.4 Touradas

Touradas e festivais que envolvem o sofrimento e morte de touros, ainda acontecem. Não apenas na Espanha, mas também em Portugal, França, México e outros países de colonização hispânica (ZILLI, 2010, p. 40). Para Zilli (2010, p. 40), defender as touradas como costume cultural não justifica, e acreditar que a sociedade atual, precisa desse tipo de entretenimento, é sinal de atraso, digno de quem ainda vive na Antiguidade. Segundo a autora, matar um animal aos poucos, como prova de valentia ou diversão, faz parte da tradição cultural espanhola desde a Idade do Bronze, entre 2000 e 1700 a.C.

Anualmente, por volta de meio milhão de portugueses vão a espetáculos tauromáquicos e são realizados cerca de 1000 eventos de tauromaquia popular (de rua), movimentando mais de 3 milhões de portugueses. A Tauromaquia é parte integrante do Patrimônio Cultural Português e, o acesso à mesma, é um direito

fundamental que assiste a todos os cidadãos e que se encontra constitucionalmente protegido. No entanto, é a única área cultural que não recebe apoios do estado central e vive exclusivamente das receitas de bilheteira. Em todo o país, passando pelas ilhas, mais de 50 municípios e duas regiões administrativas, já declararam a tauromaquia como Património Cultural Imaterial dos seus municípios de acordo com os critérios da Convenção da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO, para a Salvaguarda do Património (TOURADAS, 2016, p. 5 e 9).

De acordo com pesquisa do Instituto Gallup, realizada na Espanha em 2006, apenas 31% dos entrevistados demonstrou interesse pelas touradas, enquanto 68,8% disse não ter interesse nenhum. Os espanhóis favoráveis, eram 55% nos anos 1970 e 50% nos anos 1980, enquanto nos anos 1990, o número de apoiadores já havia caído até os recentes 31%. Segundo a pesquisa, a maioria das pessoas contrárias era da Galícia e Catalunha. Independente da região, o certo é que a maioria dos espanhóis não se sente à vontade com o título de “País das Touradas” (ZILLI, 2010, p. 40).

As touradas espanholas levam séculos sendo motivo de polémica, que têm se acirrado, até se tornar a mais intensa, no sentido emotivo e semântico de todas as que envolvem os direitos animais. A opinião antitaurina tornou-se majoritária, sobretudo, entre a população espanhola mais jovem e urbana. Junto com os argumentos em comum com outros movimentos, ela tem usado termos como atraso, barbárie, selvageria, primitivismo, incultura, aberração e irracionalidade, que marcam uma identidade e uma tradição nacional controversa (SÁEZ, 2017, p. 151).

A festa nacional da Espanha tem origem em caçadas a touros que rolavam já no século 3 a.C. No fim do século 18, quando assumiu seu formato atual, a distração já havia caído no gosto popular. Hoje, as mais de 550 arenas espanholas empregam cerca de 200 mil pessoas, movimentando mais de 4,4 bilhões de reais por ano. Além da Espanha, as touradas são disputadas em países como México, Peru e Colômbia. Na maioria das nações, contudo, elas são proibidas por causa da crueldade a que os animais são submetidos. São estimados que 250 mil touros sejam sacrificados no mundo, por ano, sob aplausos da plateia (JOKURA, 2009).

Jokura (2009), explica como funcionam as touradas. No primeiro terço do espetáculo (*tercio de varas*), o touro selvagem, com idade entre 4 e 6 anos, e mais de 460 kg, é solto na arena. O toureiro (ou matador), faz movimentos com o capote

(capa vermelha de forro amarelo), para atizar o animal. Como só enxerga preto e branco, o que o incita são os volteios da capa. O touro é conduzido até um dos dois picadores e cavaleiros com lanças que ferem o animal para ir minando sua força. Os cavalos são vendados, para não se assustarem com o touro, e cobertos com uma lona grossa para protegê-los das chifradas. O touro já enfraquecido, com pelo menos dois golpes, começa o *tercio de banderillas*. É quando os *banderilleros* entram em cena, cravando três pares de estacas coloridas, com ponta de arpão, no pescoço do animal. O objetivo é deixá-lo ainda mais furioso para o desfecho. Ao final (*tercio de muerte*), o matador usa uma pequena capa, empunhada com uma das mãos, driblando o animal bem de perto e perigosamente, onde chifradas na virilha, axilas, pescoço e tórax não são raras, e podem ser fatais. Quando o toureiro exhibe sua habilidade, a torcida grita “olé”. O toureiro, então, recebe uma espada de aço de quase um metro, e com a capa rente ao chão, vai colocando o animal na posição de cabeça baixa e patas dianteiras juntas. Com isso, ressalta a área logo acima do pescoço, onde será dado o golpe fatal. Se a estocada atingir a aorta, o que nem sempre acontece, a morte é instantânea. A luta toda dura em média 20 minutos. Se o desempenho do toureiro for excepcional, ele recebe o prêmio máximo: as duas orelhas e o rabo do animal, cortados na hora, além de sair da arena nos ombros do público. Quanto ao touro, sua carcaça é arrastada para fora da arena e sua carne é vendida aos açougues locais.

Um touro só pode ser toureado uma vez, e seu fim normal é ser morto na arena. Tem três possibilidades de sair vivo: 1) com uma extraordinária atuação, o que é raríssimo, quando é devolvido ao seu proprietário; 2) quando sua atuação é decepcionante, e precisa ser substituído pelo reserva; e 3) quando a espada não consegue matá-lo no tempo destinado para isso, sendo, retirado da arena. Ainda assim, depois, o animal é morto e usado para alimentação (CARRION, 1983 apud ZULIETTI, 2012, p. 122).

Touros feridos são episódios corriqueiros no mundo das touradas. Mais normal é a morte dos animais na arena, ou depois. Giram em torno da triste sina desses bovinos, as maiores polêmicas relacionadas a essas celebrações. O debate vem esquentando progressivamente há pelo menos duas décadas, impulsionado por algumas questões básicas: a tourada é uma forma de tortura ou apenas uma peculiar tradição? Os animais têm direitos? Quais? É ético sacrificá-los e, de forma cruel, em favor de uma suposta forma de entretenimento? (SETTI, 2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que o Turismo, se bem planejado e estruturado de forma sustentável, pode contribuir com o desenvolvimento de municípios, trazendo benefícios como o aquecimento da economia, aumentando o fluxo de dinheiro e consequentemente a riqueza do local, assim como a geração de empregos e a preservação dos recursos naturais, territórios e comunidades, salvaguardando a cultura local. Por outro lado, um Turismo desordenado, também pode provocar grandes impactos negativos, como a degradação ambiental, problemas econômicos e sociais, como a perda da identidade.

O turista, atualmente, tende a escolher seu destino buscando por lugares que lhe tragam vivências exclusivas, exóticas e memoráveis. Ou seja, o turista escolhe o destino em função de experiências que lhe permitam sentir, se emocionar e viver algo novo. O Turismo de Experiência se destaca neste sentido, oferecer ao turista algo totalmente diferente, fora do comum, para atraí-lo e fidelizá-lo.

Neste contexto, os destinos buscam se diferenciar no intuito de vencer a competição, ofertando ao turista atrativos exóticos e diversificados, surgindo como forte tendência o Turismo Animal. Os animais sempre exerceram fascínio na humanidade e este tipo de atrativo turístico vem sendo fortalecido com a evolução da globalização e os avanços tecnológicos, que permitem acesso rápido e fácil à informação. Os meios de comunicação de massa, como as redes sociais, corroboram para a prática, principalmente a alta visibilidade do fenômeno das *selfies*, que “viralizam” e fortalecem a experiência.

A grande biodiversidade, não só no Brasil, mas também no mundo inteiro, oferecem os recursos para as práticas turísticas em que haja a fácil interação com a vida animal. O que muitos turistas não sabem é que o Turismo Animal tem grande impacto sobre o bem-estar desses seres. A maioria das pessoas desconhece o que grande parte desses animais usados como atrativos turísticos passam. São situações de abuso, crueldade e sofrimento, onde são submetidos à dor, estresse, medo, ansiedade e tédio. Muitos são retirados da natureza desde filhotes, separados da mãe, excluídos da vida em seu *habitat* natural e do convívio com outros da mesma espécie. Outros são reproduzidos em próprio cativeiro e desde cedo treinados para serem usados como atrações. Assim, vivem longos anos de

exploração. O contato direto ou próximo de turistas acaba por afetar seu comportamento, reprodução e alimentação.

Mas essas cenas são reproduzidas somente detrás das câmeras, pois o sofrimento deve ser ocultado dos turistas, que são levados a imaginar que os animais são muito bem tratados e até estão se divertindo, mantendo assim a economia deste lucrativo negócio. Muitos turistas, na verdade, nem sonham com a possibilidade de estarem ajudando a prejudicar os animais. As redes sociais só legitimam o equívoco.

Algumas práticas turísticas que se utilizam de animais, fazem um forte apelo cultural, colocando muitas vezes essas manifestações como características ou tradições nacionais. No entanto, são mantidas devido ao grande interesse econômico e até mesmo político, trazendo velado o desrespeito às normas de proteção animal. A falta de respeito às leis de proteção animal e a falta de fiscalização acabam por sustentar as ações de violação dos direitos dos animais.

Apesar disso, ainda existem locais sérios, corretamente gerenciados, como genuínos santuários e centros de resgate, que realizam estudos de comportamento animal, onde os animais estão realmente protegidos. Se recebem turistas, é através da observação responsável, à distância, sem qualquer contato.

O homem há muito utiliza os recursos da natureza de forma predatória. Hoje, existem várias espécies em extinção e outras em risco, necessitando proteção. É preciso buscar um equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e a preservação do meio ambiente. Não é necessário renunciar ao desenvolvimento, mas vivenciá-lo em sintonia com a sustentabilidade, respeitando a natureza e pensando não somente nas gerações presentes, mas também nas futuras.

É necessário pensar um modelo de turismo mais responsável, que garanta o bem-estar animal, a saúde e promova as necessidades psicológicas, ambientais, comportamentais e nutritivas destes seres. E para que também haja um crescimento econômico estruturado, sustentável e, principalmente, para que as comunidades sejam permanentemente beneficiadas.

O ecoturismo vem como proposta à conservação do meio ambiente, utilizando-se de técnicas sustentáveis, através de uma nova forma de viver o Turismo. É necessário haver o engajamento dos agentes de desenvolvimento turístico, através de ofertas de produtos turísticos sustentáveis, sobretudo pela contemplação dos recursos naturais, pensando na preservação do meio ambiente. É

preciso abolir os atrativos que fornecem qualquer tipo de interação forçada com os animais, seja alimentar, nadar, posar para fotos, montar, assistir a espetáculos realizados por eles, entre outros. Assim como também é preciso a criação de Políticas Públicas e Leis mais efetivas.

Isso envolve desde estabelecimentos, para que não forneçam atrações em que haja interação com espécies animais, operadoras de turismo, para que mantenham um modelo de valor comercial pautado na preservação, os próprios moradores, para que não sejam incentivados a tais práticas e até se tornem os fiscais deste tipo de atração irresponsável e, principalmente o turista, para que não acabe por financiar este segmento cruel e lucrativo, que tanto cresce.

Uma ferramenta importantíssima nesta ação é a Educação Ambiental, através da participação de toda a sociedade, com irradiação de conhecimentos sobre a fauna, que gerem uma reflexão ética sobre os impactos da utilização da vida animal no Turismo. Utilizando-se do crescimento mundial das redes sociais, que facilitam a difusão de mensagens, também é possível a disseminação de campanhas informativas sobre o sofrimento de animais utilizados de forma exploratória no Turismo, assim como a divulgação de estabelecimentos e denúncia de localidades que ainda insistem em expor animais a maus-tratos. Desta forma, o próprio turista irá tirar suas conclusões e construir sua opinião, a partir de justificativas próprias.

Através do envolvimento e conscientização, tanto do *trade*, quanto de turistas é possível evitar os abusos cometidos ao bem-estar animal. Só assim, a experiência será realmente inesquecível e emocionante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGUAÍNA. Prefeitura Municipal De Araguaína. **Lei Municipal 2938, de 27 de abril de 2015**. Inclui no Calendário Oficial de Eventos Culturais do Município de Araguaína a Cavalgada de Araguaína e dá outras providências. Poder Executivo Municipal. Araguaína. 2015. Disponível em: <http://araguaina.to.leg.br/wp-content/uploads/2017/05/lei_n_2_938_pdf.pdf>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

ARNALDO FILHO. **MPTO oficia órgãos para impedir maus-tratos a animais na cavalgada de Araguaína**. AF Notícias. 05/06/2019. Disponível em: <<https://afnoticias.com.br/cidades/mpto-oficia-orgaos-para-impedir-maus-tratos-a-animais-na-cavalgada-de-araguaina>>. Acesso em: 07 de junho de 2019.

BENVENUTI, Carolina Czarnobai. **Os Animais e o Turismo: Uma Reflexão Sobre o Uso dos Animais como Atratividade Turística**. Universidade Feevale. Novo Hamburgo. 2018.

BEZERRA, Tete. **O Destino (do) Brasil no Dia Mundial do Turismo**. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2018/09/o-destino-do-brasil-no-dia-mundial-do-turismo.shtml>>. Acesso em: 7 de maio de 2019.

BITAR, Marina. **Pesca esportiva é opção turística no Tocantins**. Governo do Tocantins. 20/02/2017. Disponível em: <<https://portal.to.gov.br/noticia/2017/2/20/pesca-esportiva-e-opcao-turistica-no-tocantins/>>. Acesso em: 11 de junho de 2019.

BOFF, Leonardo. **Os impasses da expressão “desenvolvimento sustentável”**. Ética e Sustentabilidade. Caderno de Debate, Agenda 21 e Sustentabilidade. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável. Coordenação da Agenda 21. Esplanada dos Ministérios - Bloco B. Sala 756 - 7º andar. Brasília, DF, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Texto promulgado em 05 de outubro de 1988. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em 8 de maio de 2019.

BRASIL. **Lei n. 9.605, 12 de fevereiro de 1998**. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, de 13 de fevereiro. 1998. Seção 1, p. 1. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9605.htm>. Acesso em 14 jun. 2019.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: orientações básicas**. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. – Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil: Turismo e Sustentabilidade**. Ministério do Turismo. Coordenação Geral de Regionalização. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Brasília, DF. 2007.

BUHR, Gabriele. **Efeito do Enriquecimento Ambiental no Bem-Estar de Gatos-Mourisco *Puma Yagouaroundi* Mantidos no Zoológico de Pomerode – SC, Brasil**. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Biológicas. Departamento de Ecologia e Zoologia. Florianópolis. 2018.

CABEZA, Manuel Cuenca. **Ocio humanista**. Dimensiones y manifestaciones actuales del ocio. 2000. Universidad de Deusto, Bilbao. Estudios de Ocio, núm. 16. Instituto de Estudios de Ocio. Publicación de la Cátedra de Ocio y Minusvalías con motivo del 6.º Congreso Mundial de Ocio. 2000.

CAMINHAS, Ana Margarida Theodoro. **A prática do pesque-e-solte sob a perspectiva dos estudos de bem-estar de peixes: perspectivas de um debate ético científico**. Revista Panorâmica On-Line. Barra do Garças – MT, vol. 19, p. 10 - 22, ago./dez. 2015.

CHEHIN, Mariana Martins. **Atrativos Turísticos que Utilizam Animais como Entretenimento: A Influência da Informação Ambiental no Comportamento Sustentável**. Universidade Federal Fluminense – Uff. Faculdade de Turismo e Hotelaria. Curso de Turismo. Departamento de Turismo. Niterói. 2015.

CONFERÊNCIA MUNDIAL DE PESCA RECREATIVA (7ª WRFC). **Conclusões e recomendações (português)**. Traduzido do original em inglês por Ezequiel Theodoro da Silva. 2014. Disponível em: <https://www.cpap.embrapa.br/pesca/online/PESCA2014_7WRFC1.pdf>. Acesso em: 9 de maio de 2019.

COSTA, Márcia. **Som automotivo será proibido ou permitido na cavalgada de Araguaína? ASTT responde dúvida**. Arnaldo Filho Notícias. 07/06/2019. Disponível em: <<https://afnoticias.com.br/estado/som-automotivo-sera-proibido-ou-permitido-na-cavalgada-de-araguaina-astt-responde-duvida>>. Acesso em: 06 de junho de 2019.

DALY, Natasha. **Interagir com a vida selvagem está na moda, mas os animais pagam um preço alto**. 2019. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/animais/2019/05/vida-selvagem-maus-tratos-turismo-exploracao-animal>>. Acesso em: 03 de junho de 2019.

FERNANDES, Pâmella dos Santos; ALMEIDA, Juliana Vieira de. **Estudo Sobre a Relação Entre o Lazer e o Trabalho do Guia de Turismo Regional do Estado do Rio Grande do Norte**. Licere, Belo Horizonte, v.21, n.3, set/2018.

FERNANDES, Nielcem. **Animais morrem após participar de cavalgada neste fim de semana no Tocantins**. AF Notícias. 03/06/2019. Disponível em: <<https://afnoticias.com.br/index.php/cidades/animais-morrem-apos-participar-de-cavalgada-neste-fim-de-semana-no-tocantins>>. Acesso em: 06 de junho de 2019.

FERREIRA, David Amaral. **O Turismo e o Lazer como Estratégias de Desenvolvimento Urbano** - A Visabeira Turismo e o Concelho de Viseu. Dissertação de Mestrado em Lazer, Património e Desenvolvimento, na área de especialização em Turismo e Lazer. Universidade de Coimbra. 2013.

FISCHER, Marta Luciane; RENK, Valquiria; RODRIGUES, Gabriela; BORDINI, Ana Silvia Juliatto. **Interfaces entre a Bioética Ambiental e o Ecoturismo**. Revista Bioetikos - Centro Universitário São Camilo – 2014.

FREIRE, Ricardo. **O primeiro jacarezinho a gente nunca esquece**. Viagenaviagem.com. 2015 Disponível em: <<https://www.viagenaviagem.com/2011/08/o-primeiro-jacarezinho-a-gente-nunca-esquece/>>. Acesso em: 26 de maio de 2019.

GOMES, Christianne; PINTO, Leila M. S. M. **O Lazer no Brasil: Analisando Práticas Culturais Cotidianas, Acadêmicas e Políticas**. Lazer na América latina / Tiempo Libre, Ócio y Recreación en Latinoamérica / Christianne Gomes, Esperanza Osorio, Leila Pinto, Rodrigo Elizalde, organizadores. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

G1 TOCANTINS. **Naturatins determina 'cota zero' para o transporte de pescado no Tocantins**. G1.globo.com. 01/03/2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/naturatins-determina-cota-zero-para-o-transporte-de-pescado-no-tocantins.ghtml>>. Acesso em: 11 de junho de 2019.

IBAMA. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis **Pesque-e-solte**: informações gerais e procedimentos práticos. Centro de Pesquisa e Gestão dos Recursos Pesqueiros Continentais. Programa Nacional do Desenvolvimento da Pesca Amadora. Brasília, 2006. Disponível em: <<http://www.ibama.gov.br/sophia/cnia/livros/pesqueesolte.pdf>>. Acesso em: 9 de maio de 2019.

JOKURA, Tiago. **Como é uma tourada?** Super Interessante. Publicado em 2 fev 2009. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-e-uma-tourada/>>. Acesso em: 10 de junho de 2019.

LAURIS, Patrícia. **Tirroteio, agressão e acidentes são registrados na Cavalgada de Araguaína**. Jornal do Tocantins. 11/06/2018. Disponível em: <<https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/vida-urbana/tirroteio-agressao-e-acidentes-sao-registrados-na-cavalgada-de-araguaína-1.1549111>>. Acesso em: 07 de junho de 2019.

MARTINS, L. B. R. **Interações e conflitos entre humanos e macacos-prego (Cebus apella) no Parque da Criança em Anápolis-GO**. Goiânia, 2005, 118 pp. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade Católica de Goiás.

MATO GROSSO DO SUL. Governo Do Estado Do Mato Grosso Do Sul. **Pantanal**. Secretaria do Estado do Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e

Agricultura Familiar. 2019. Disponível em: <<http://www.turismo.ms.gov.br/conhecamos/pantanal/>> Acesso em: 19 de março de 2019.

MENDES, Paula de Carvalho. **Percepção ambiental no zoológico de Pomerode**. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro De Ciências Agrárias. Curso De Zootecnia. Florianópolis - SC, 2014.

MOEHLECKE, Renata. **Pela preservação das preguiças**. Ciência Hoje. 2004. Disponível em: <<http://cienciahoje.org.br/pela-preservacao-das-preguicas/>>. Acesso em: 26 de maio de 2019.

NUNES, Angélica Cristina Gouveia. **Respostas comportamentais do boto-vermelho (*Inia geoffrensis*) ao turismo de interação no baixo Rio Negro, Amazonas**. Instituto Nacional De Pesquisas Da Amazônia – Inpa. Programa de Pós-Graduação em Ecologia. Manaus: [s.n.], 2015.

O GLOBO. **Morre Tilikum, orca protagonista do documentário 'Blackfish'**. 06/01/2017. Oglbo.com. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/morre-tilikum-orca-protagonista-do-documentario-blackfish-20737790>>. Acesso em: 06 de junho de 2019.

OLIVEIRA, Vanilce Pereira. **O uso do zoológico como instrumento pedagógico na educação ambiental (não) formal**. Toledo, PR : [s. n.], 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO - OMT/UNWTO. **Código de Ética do Turismo**. 1999. Disponível em: <http://ethics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/brazil_0.pdf>. Acesso em: 06 de junho de 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO - OMT/UNWTO. **Panorama OMT do Turismo Internacional**. Edição 2018. 2018b. UNWTO, Madrid. Disponível em: <<https://www.e-unwto.org/doi/pdf/10.18111/9789284419890>>. Acesso em: 5 de maio de 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO - OMT/UNWTO. **¿Por qué el Turismo?** 2018a. Disponível em: <<http://www2.unwto.org/es/content/por-que-el-turismo>>. Acesso em 5 de maio de 2019.

ONE GREEN PLANET. **Elephant Artists? Here's Why Making an Elephant Paint is Cruel, Not Cute**. 2017. Disponível em: <<https://www.onegreenplanet.org/animalsandnature/why-making-an-elephant-paint-is-cruel-not-cute/>>. 2017 Acesso em: 03 de junho de 2019.

PANZERA, Camille. **SeaWorld Orlando**. Melhores Destinos. 2019. Disponível em: <<https://guia.melhoresdestinos.com.br/sea-world-orlando-73-1752-p.html>> Acesso em: 03 de junho de 2019.

PAULO, Carla Moura de; COSTA, Jodival Maurício da. **Impactos ambientais do turismo e modificações na paisagem**: um estudo de caso em cidades pantaneiras.

2012. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro6/anais/ARQUIVOS/GT1-124-514-20120622020432.pdf>>. Acesso em: 09 de junho de 2019.

PETREIRE JR., Miguel. **Pegue-solte: lazer ou crueldade?** Programa de Pós-graduação em Diversidade Biológica e Conservação. Universidade Federal de São Carlos – *Campus* de Sorocaba (SP). Programa de Pós-graduação em Sustentabilidade de Ecossistemas Costeiros e Marinheiros Universidade Santa Cecília, Santos (SP). Matéria publicada em 12.08.2014. Disponível em: <<http://cienciahoje.org.br/artigo/pesque-solte-lazer-ou-crueldade/>> Acesso em: 9 de maio de 2019.

PORTO, Ariel da Cunha. **Pacotes Turísticos para Orlando e Disney: Uma Análise dos Pacotes Online Oferecidos no Mercado Brasileiro.** Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Turismo e Hotelaria. Departamento de Turismo. Curso de Turismo. 2016.

PROTEÇÃO ANIMAL MUNDIAL - WORLD ANIMAL PROTECTION. **Check-out da crueldade.** Como acabar com os horrores do turismo com animais silvestres nas férias. São Paulo. 2016. Disponível em: <https://www.worldanimalprotection.org.br/sites/default/files/br_files/documents_br/wildcru_relatorio.pdf>. Acesso em: 19 de março de 2019.

PROTEÇÃO ANIMAL MUNDIAL - WORLD ANIMAL PROTECTION. **O show não pode continuar.** Pelo fim do abuso de animais em entretenimento e espetáculos Setembro, 2014. Disponível em: <https://www.worldanimalprotection.org.br/sites/default/files/br_files/o_show_nao_pode_continuar-pt.pdf>. Acesso em: 19 de março de 2019.

PROTEÇÃO ANIMAL MUNDIAL - WORLD ANIMAL PROTECTION. **Um foco na crueldade:** O impacto prejudicial das selfies com vida silvestre na Amazônia. World Animal Protection no Brasil, Av. Paulista 453, conj 32 e 34 – São Paulo-SP, Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.worldanimalprotection.org.br/sites/default/files/br_files/wap_relatorio_um_foco_na_crueldade_selfies_04102017.pdf>. Acesso em: 19 de março de 2019.

PRYZANT, Raquel Cintra. **7 experiências com maus tratos contra animais para evitar.** WorldPackers.Com. 06/12/2018. Disponível em: <https://www.worldpackers.com/pt-BR/articles/experiencias-com-maus-tratos-contra-animais-para-evitar--viagem?previous_page=Contents+List&previous_page_source=Thumb>. Acesso em: 07 de junho de 2019.

ROMAGNOLI, Fernanda Carneiro. **Interpretação ambiental e envolvimento comunitário:** ecoturismo como ferramenta para a conservação do boto-vermelho, *Inia geoffrensis*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 4, n. 3, p. 567-571, set.- dez. 2009.

SÁEZ, Oscar Calavia. **O Sexo e a Morte dos Touros.** A Controvérsia Taurina e o Caso da Tragédia. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 23, n. 48, p. 151-170, maio/ago. 2017.

SAITO, Carlos Hiroo et al. **Conflitos entre Macacos-Prego e Visitantes no Parque Nacional de Brasília: Possíveis Soluções.** Carlos Hiroo Saito, Luiza Brasileiro, Luzia Etelvina de Almeida, Maria Clotilde Henriques Tavares. Sociedade e Natureza, Uberlândia, 22 (3): 515-524, dez. 2010.

SANTOS, Lauane dos. JORNAL PRIMEIRA PÁGINA. **A pesca esportiva no Tocantins sob o olhar dos guias profissionais.** Publicada em: 10/07/2017. Disponível em: <<http://primeirapagina.to/noticias/a-pesca-esportiva-no-tocantins-sob-o-olhar-dos-guias-profissionais/>>. Acesso em: 11 de junho de 2019.

SANTOS, Josemeire Gonzaga dos; MARTINEZ, Romari Alejandra; **Compartilhando espaços verdes urbanos: interações entre macacos-prego (*Sapajus sp.*) e humanos numa reserva florestal na Bahia, Brasil.** Revista Brasileira de Biociências. Aceito: 18 de outubro de 2015 Disponível on-line em <<http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/3345>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

SANTOS JÚNIOR, Érico; PANSARD Kelly C.; YAMAMOTO, Maria E.; CHELLAPPA Sathyabama. **Comportamento do boto-cinza, *Sotalia guianensis* (Van Bénédén) (Cetacea, Delphinidae) na presença de barcos de turismo na Praia de Pipa, Rio Grande do Norte, Brasil.** Revista Brasileira de Zoologia 23 (3): 661-666, setembro, 2006.

SANTOS, Rodrigo Amado dos; CHEHADE, Michelle Bellintani; QUINI NETO, Daniel. **A relação da atividade turística com o meio ambiente.** Revista Científica Eletônica de Turismo. Ano VII – Número 13, Periódicos Semestral. – junho de 2010.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Entendendo o Atrativo Turístico.** Caderno de Atrativos Turísticos. Sebrae, São Paulo. 2014.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Turismo de experiência.** Recife, PE. 2015. Disponível em: <https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/PE/Anexos/turismo_de_experiencia.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

SETTI, Daniel. **A hora do touro.** 2013. Disponível em: <<http://www.revistastatus.com.br/2013/06/08/a-hora-do-touro/>>. Acesso em: 10 de junho de 2019.

SILVA, Fabíola Fernandes; MARQUES JÚNIOR, Sérgio. **Turismo de Lazer em Parques Temáticos: Aspectos Históricos e Conceituais.** Volume 13, n.01, agosto, de 2016.

SILVA JUNIOR, José. Martins da. **Turismo de Observação de Mamíferos Aquáticos: benefícios, impactos e estratégias.** Revista Brasileira de Ecoturismo, São Paulo, v.10, n.2, pp.433-465. mai/jul 2017.

SINDICATO RURAL DE ARAGUAÍNA. **História do SRA.** 2019. Disponível em: <<http://portalsra.com.br/historia-do-sra/>>. Acesso em: 10 de maio de 2019.

TANNURE, Augusto Alves. **A indústria de parques temáticos**. Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro. Departamento de Economia. Jun. 1999.

TENÓRIO, Eliane. Governo do Tocantins. **Pesca esportiva é permitida durante a piracema no Tocantins**. Seagro. 06/11/2018 Disponível em: <<https://seagro.to.gov.br/noticia/2018/11/6/pesca-esportiva-e-permitida-durante-a-piracema-no-tocantins--/>>. Acesso em: 11 de junho de 2019.

TOCANTINS. Governo do Estado do Tocantins. **Pesca esportiva**. Portal de Turismo. 2019. Disponível em: <<https://turismo.to.gov.br/icones/pesca-esportiva/pesca-esportiva/>>. Acesso em: 9 de maio de 2019.

TOURADAS. Protoiro - Federação Portuguesa de Tauromaquia. **Touradas**. 2016. Disponível em: <<http://www.toroslidia.com/wp-content/uploads/2016/10/MARCA-TOURADAS.pdf>>. Acesso em: 10 de junho de 2019.

VIDAL, Marcelo Derzi. **Botos e turistas em risco**. Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Amazônica, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Ciência Hoje. Maio, 2011.

ZILLI, Giovana. **To(rt)uradas**. RevistaVegetarianos.com.br. 2010. Disponível em: <<http://www.falabicho.org.br/PDF/16.pdf>>. Acesso em: 09 de junho de 2019.

ZULIETTI, Luís Fernando. **As Linhas, Formas, Movimentos e o Contraste das Luzes e das Sombras na Composição das Series la Tauromaquia**. Aurora: Revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.5, n.14, p.119-144, jun.-set. 2012.